



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

O Perfil do Docente de Língua Gestual Portuguesa no ensino da Cultura e Identidade Surdas

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa

2024, Inês Ribeiro Gonçalves Laia



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Inês Ribeiro Gonçalves Laia

O Perfil do Docente de Língua Gestual Portuguesa no ensino da Cultura e Identidade Surdas

Dissertação de Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa, apresentada ao
Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de
Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Especialista Amílcar José Morais

Fevereiro, 2024

Agradecimentos

Começar por agradecer e reviver uma jornada longa, árdua e por vezes conturbada, mas igualmente repleta de momentos e aprendizagens gratificantes. Nada disto seria possível sem o apoio generoso, palavras de motivação e encorajamento ao longo desta caminhada, assim são vários os agradecimentos àqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que chegasse até aqui.

Aos meus pais e padrinhos, pelo amor incondicional e apoio constante nas horas mais difíceis, mesmo ainda que não compreendendo totalmente este meu novo mundo, sempre respeitaram e aceitaram a minha escolha profissional com o mesmo amor. São os meus alicerces e os sacrifícios que fizeram para que eu chegasse até aqui, em nome da minha felicidade, são o farol que me guia e me inspira para fazer mais e melhor.

Ao meu estimado orientador Amílcar José Morais, pela orientação sábia, paciência, força e incentivo durante esta jornada dura para ambos. Nesta caminhada, deparei-me com desafios inesperados, na constante procura de um estudo que retratasse as minhas atuais preocupações em torno da Educação de Surdos. Apesar das reviravoltas e incertezas, o meu orientador permaneceu ao meu lado com a mesma sabedoria, compreensão e paciência inabaláveis para que eu chegasse até este momento. Não desistiu de mim, mesmo quando eu duvidava, e tornou este ciclo da minha vida numa experiência e aprendizagem enriquecedoras.

Aos meus respeitados professores que testemunharam o meu crescimento, desde a licenciatura até ao mestrado, agradeço-lhes por todo o conhecimento, valores e ensinamentos transmitidos que muito contribuíram e influenciaram a minha vida pessoal e profissional.

Aos meus amigos, de sempre, por estarem ao meu lado, pelo incentivo, conselhos e me motivarem quando mais precisei.

À intérprete Luísa Gonçalves, pela sua incansável paciência e habilidade excepcional nas correções linguísticas, o que muito contribuiu para a qualidade desta dissertação, respeitando sempre as minhas vontades.

Gostaria de agradecer aos professores doutores, Filipe Venade e Isabel Correia, que mesmo não estando diretamente envolvidos nesta jornada, foram e sempre serão os meus modelos e fonte de inspiração enquanto profissional que sou. Espero um dia honrar o legado que deixaram em mim!

E, por último mas não menos importante, expresso a minha gratidão à Escola Superior de Educação de Coimbra por não ser apenas uma instituição de ensino, mas por ter sido a casa que me permitiu abrir os horizontes, expandir as minhas aprendizagens e crescer profissionalmente. Obrigada pelos professores incríveis que me deu, pelos colegas que muito deles levo para a vida, pelo espírito académico e também, por me acolherem com respeito, oportunidade e acessibilidade total. A ESEC terá, sempre, um lugar especial no meu coração.

Gratidão a todos.

O Perfil do Docente de Língua Gestual Portuguesa no ensino da Cultura e Identidade Surdas

Resumo: Este estudo visa evidenciar o valor do papel e do perfil do docente na prática pedagógica do ensino da Cultura e Identidade Surdas, concentrando-se nos docentes de Língua Gestual Portuguesa (LGP) em Portugal. A escolha desses profissionais deve-se à necessidade de contar com docentes dotados, que sejam modelos de referência e liderança para alunos Surdos, garantindo uma boa fluência na língua, bem como na aquisição de conhecimento.

O estudo propõe um perfil de professores de LGP a ser implementado, abrangendo tanto professores Surdos quanto ouvintes, com destaque para o ensino da Cultura e Identidade Surdas. Abordaram-se tópicos relacionados à cultura e subculturas, com foco na Cultura Surda. A recolha dos dados deu-se via um questionário, seguida de uma análise para obter conclusões à pergunta de partida desta investigação: “Qual deve ser o perfil do docente de LGP no ensino da Cultura e Identidade Surdas?”

A análise dos dados e as conclusões destacam a relevância dos professores de LGP Surdos nas Escolas de Referência para a Educação Bilingue (EREB) como modelos linguísticos e culturais, papel especialmente crucial nos primeiros anos de vida das crianças surdas (pré-escolar e 1.º ciclo) e nos jovens Surdos (secundário). A compreensão das especificidades educacionais dos alunos Surdos nas EREB é essencial para garantir uma educação completa e de qualidade. Para tal, é necessário o desenvolvimento de políticas linguísticas e educacionais acessíveis e adequadas a esse público.

Assim, este estudo enfatiza o papel fundamental dos docentes de LGP na vida dos alunos Surdos, como transmissores da sua identidade e cultura. Além disso, destaca a importância do respeito pela LGP como língua materna desses alunos, assegurando uma educação de qualidade e pleno de estatuto linguístico e cultural.

Palavras-chave: Perfil do Docente, Cultura e Identidade Surdas, Língua Gestual Portuguesa

The Profile of the Portuguese Sign language Teacher in teaching Deaf Culture and Identity

Abstract: This study aims to highlight the important role and profile of teachers in their pedagogical practice while teaching Deaf Culture and Identity, focusing on Portuguese Sign Language (PSL) teachers in Portugal. We have selected these professionals is due to the need for skilled teachers in order to serve as role models and to provide leadership for Deaf students, both in sign language aquisition and in the learning process.

This study proposes a profile to be implemented in PSL teachers, including both Deaf and hearing teachers, focusing on the teaching process of Deaf Culture and Identity. We have addressed topics related to culture and subcultures, with a specific focus on Deaf Culture. We gathered data through a questionnaire, followed by an analysis to draw conclusions in response to the research question: "What should be the profile of a PSL teacher in teaching Deaf Culture and Identity?"

Data analysis and conclusions highlight the relevance of Deaf PSL teachers in Reference Schools for Bilingual Education (RSBE) as linguistic and cultural models. This role is especially crucial in the early years of Deaf children's lives (preschool and primary school) and in Deaf youth (secondary school). Is essential to understand the legitimate educational needs of the Deaf students in RSBE to ensure a complete and quality schooling. Therefore, is necessary to create educational and linguistics policies in order to fit this audience.

In conclusion, this study emphasizes the central role of PSL teachers in the lives of Deaf students as transmitters of their identity and culture. Furthermore, it points out the importance of respecting PSL as the mother tongue of these students, ensuring a quality education and full of equal status.

Keywords: Teacher Profile, Deaf Culture and Identity, Portuguese Sign Language

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	4
1. CULTURA E SUBCULTURA	5
2. CULTURA SURDA	10
2.1. <i>Definindo a Cultura Surda</i>	11
2.2. <i>Cultura Minoritária ou Subcultura Surda</i>	13
2.3. <i>As diferenças entre a perspetiva antropológica e a perspetiva médica</i>	15
2.4. <i>Cultura Surda e o impacto das tecnologias</i>	19
2.5. <i>Experiências culturais e identitárias dos sujeitos Surdos</i>	21
3. SUJEITOS SURDOS NA APRENDIZAGEM	22
ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	30
1. OBJETIVO DO ESTUDO	31
1.1. <i>Hipótese de investigação</i>	32
2. METODOLOGIA	32
2.1. <i>Elaboração do questionário</i>	32
2.2. <i>Procedimentos para a recolha de dados</i>	33
2.3. <i>Estrutura do questionário</i>	35
2.4. <i>Conclusões do questionário</i>	35
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	36
3.1. <i>Introdução</i>	36
3.2. <i>Análise estatística dos dados recolhidos</i>	36
3.2.1. <i>Caraterização da amostra</i>	36
3.3. <i>Principais conclusões da investigação</i>	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
BIBLIOGRAFIA	58
APÊNDICES.....	63

Lista de abreviaturas

MELGP – Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa

LGP – Língua Gestual Portuguesa

EREB – Escolas de Referência para a Educação Bilíngue

EREBAS – Escolas de Referência para a Educação Bilíngue de Alunos Surdos

LG – Línguas Gestuais

SNS 24 – Sistema Nacional de Saúde 24

L1 – Primeira Língua

L2 – Segunda Língua

LP – Língua Portuguesa

PCLGP – Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa

AFOMOS – Associação de Profissionais de Leccionação de Língua Gestual

Lista de gráficos

GRÁFICO 1 - FLUÊNCIA DA LGP	36
GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO POR ESCALÕES ETÁRIOS.....	37
GRÁFICO 3 - PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE SURDA	37
GRÁFICO 4 - COLABORAÇÃO NO MOVIMENTO ASSOCIATIVO	37
GRÁFICO 5 - UTILIZAÇÃO DA LGP.....	38
GRÁFICO 6 - RELAÇÃO DAS EREB COM A CULTURA E IDENTIDADE SURDA	41
GRÁFICO 7 - ESPAÇOS DE CULTURA E IDENTIDADE SURDAS.....	42
GRÁFICO 8 - MODELO DE CULTURA E IDENTIDADE SURDAS	43
GRÁFICO 9 - DOCENTES OUVINTES E A LGP	44

Lista de Apêndices

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES DE LGP	64
APÊNDICE 2 - RESPOSTAS ABERTAS DOS INQUIRIDOS	73

INTRODUÇÃO

O presente relatório para fins de dissertação é elaborado no âmbito das unidades curriculares de Prática de Ensino Supervisionada I e II, do Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa (MELGP), da Escola Superior de Educação de Coimbra.

O propósito deste trabalho, intitulado “O Perfil dos Docentes de Língua Gestual Portuguesa no Ensino da Cultura e Identidade Surdas”, é demonstrar a importância do papel e do perfil de docência a colocar em prática no que concerne ao ensino da Cultura e Identidade Surdas, focando-se somente nos docentes de Língua Gestual Portuguesa em território português continental e ilhas (Açores e Madeira).

Temos ainda o objetivo de apresentar a importância dos docentes de LGP nas Escolas de Referência para a Educação Bilíngue (EREB) no que respeita o ensino da Cultura e Identidade Surdas, promovendo assim o desenvolvimento cognitivo, emocional e social desses mesmos alunos.

No ano de 2018 foi reconhecido o grupo de recrutamento – 360, que visa todos os licenciados na área de LGP, de lecionação ou de interpretação; aqueles que ambicionam a docência, devem ingressar no MELGP, que depois de concluído com sucesso lhes dá o direito de exercerem a profissão de ensinar os alunos Surdos. No entanto, ainda há lacunas no contexto educativo onde os docentes de LGP desempenham um papel de relevância particular no que se refere às temáticas da Cultura e Identidade Surdas; por essa razão, surgiu o tema que originou este estudo, ou seja, perceber a importância duma prática diferenciada de docência no que respeita o ensino das áreas acima referidas.

Assim sendo, este trabalho pretende preencher essa lacuna através dos conhecimentos adquiridos ao longo da licenciatura em LGP e do Mestrado de Ensino em LGP, assim como da nossa experiência pessoal e profissional, leituras e pesquisas em torno da Comunidade Surda, Cultura Surda, Identidade Surda e Docentes de LGP.

Este estudo está estruturado em três partes: enquadramento teórico, enquadramento metodológico e considerações finais. Na primeira parte abordamos as culturas e as subculturas de forma abrangente e, ainda, a Cultura Surda e o que a caracteriza. Na segunda parte apresentamos a metodologia utilizada e, de seguida, a análise às respostas dos inquiridos. Aplicámos um questionário para o efeito afim de

retirar conclusões para a investigação, permitindo identificar e retificar as lacunas identificadas. Na última parte apresentamos as considerações finais de todo o trabalho desenvolvido. Espera-se que os resultados obtidos possam contribuir para práticas do que se supõe ser o perfil de docente na área de LGP, com especial relevo no ensino da Cultura e Identidade Surdas, de modo a compreender as especificidades educacionais dos alunos Surdos a frequentar as EREB, garantindo uma educação completa e de qualidade.

A Cultura e Identidade Surdas são áreas de estudo complexas e pouco valorizadas pelos investigadores e docentes de LGP, embora ultimamente se tenha verificado uma gradual atenção, pois, estas são fundamentais para que aos alunos seja concedida uma educação plena de estatuto, promovendo a identidade Surda, quebrando as barreiras linguísticas e culturais em que, muitas vezes, se encontram.

Posto isto, esperamos que no final este trabalho seja um contributo relevante para a Comunidade Surda, para as Escolas Bilíngues, e principalmente para os docentes de LGP; que se entenda melhor que perfil e que práticas de docência para o ensino da Cultura e Identidade Surdas, de maneira a contribuir para o desenvolvimento de políticas linguísticas e educacionais acessíveis, plenas e eficientes em Portugal.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Cultura e Subcultura

“Cultura refere-se aos componentes simbólicos e aprendidos do comportamento humano, tais como, a língua, a religião, os hábitos de vida, e as convenções” (Pires, 2006, p. 35), assim, é um conjunto de conhecimentos teóricos e práticos que se aprendem e transmitem de geração em geração.

Não somos só e apenas meros cidadãos, pertencemos a uma Sociedade e/ou Comunidade onde partilhamos vivências e costumes idênticos, daí ser importante reconhecer que em cada canto do mundo há uma enorme diversidade de Culturas e Identidades.

Antes de abordar esta multiplicidade imensa, é importante saber e entender o verdadeiro conceito de Cultura, que inúmeros antropólogos tentaram várias vezes definir em anos idos.

A palavra Cultura vem do latim de *'culturae'*, já desde a Roma antiga, que se define como uma “ação de tratar” e de “cultivar”, isto é, cultivar a mente e o conhecimento dos indivíduos. Também surgiu outro termo latino, *'colere'*, o de cultivar e cuidar das plantas e, tal como Pires (2006, p. 39) salienta “[...] se a natureza produz cultura, esta, por seu lado, altera a natureza”.

Em 1871, Edward Tylor definiu pela primeira vez o termo Cultura como “um todo complexo que incluía conhecimentos, crenças, arte, justiça, ética, hábitos e outras capacidades e costumes adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (Tylor, 1871, citado por Pires, 2006, p. 37). No entanto, existem, segundo Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn (antropólogos do desenvolvimento da teoria de cultura), 167 diferentes tipos de definição para designar o que é a Cultura, porque para alguns sujeitos há perspectivas totalmente diferentes e divergentes, Daí, defini-la poder assumir muitas formas e perspectivas diferentes consoante a crença ou teoria.

A Cultura pode ser caracterizada através da história: a cultura como herança social; crença: complexo de ideias e hábitos; estrutural: símbolos pautados e inter-relacionados; e simbólica: significados atribuídos arbitrariamente, que partilham numa sociedade (Conceito.de, 2020). E, como Pereira (2013, p. 34) refere “Os símbolos são

entidades criadas pelo Homem, representam a realidade e expressam a cultura; detêm conteúdos culturais e (...) têm um papel crucial na transmissão da cultura ao longo do tempo.” Desde os tempos do Iluminismo que “[...]a questão da evolução cultural era fundamental e o significado do conceito expande-se até ao cultivo da língua, da arte, das letras e das ciências [...]” (Pires, 2006, p. 41); tudo se relaciona com o povo e o desenvolvimento, por surgir no meio social com os ideais e costumes que partilham em sociedade de modo a contribuir para a definição de cultura. Cultura, para a UNESCO, que se empenhou na “luta pela defesa e promoção da identidade cultural e da diversidade cultural em âmbito local, nacional e transnacional [...]” (Alves, 2010, p. 542) salienta que o indivíduo tem a capacidade de refletir e decidir por si mesmo aquando da procura de valores e significações através da reflexão.

No que respeita ao que o termo Cultura incorpora, segundo o *website* ‘Conceito.de’ (2020), existem diferentes tipos de cultura, nomeadamente: Cultura de Massas, Cultura Material, Cultura Imaterial, Cultura Erudita e Cultura Organizacional.

A Cultura de massas surge através de “(...) um conjunto de valores e de ideias que é relacionado às influências das mídias em geral”, ou seja, a ideia é cativar as pessoas de uma determinada sociedade a adotar essa ideia e/ou costume considerado como algo novo que se criou através das notícias, publicidade, redes sociais, filmes, séries, música, arte, entre outros, de forma a alcançar o maior número de indivíduos. Daí chamar-se Cultura de Massas porque tem o “(...) intuito de induzir determinados hábitos de consumo nas pessoas” (Conceito.de, 2020, s.p.)

Já a Cultura Material, “(...) os objetos têm para um povo numa cultura, ou seja, a importância e influência que exercem na definição da identidade cultural de uma sociedade” (Porto Editora, s.d.) - este tipo de cultura refere-se aos patrimónios históricos que embelezam um determinado país e sociedade, para preservar a sua memória, como uma ação que marcou a história da civilização que decorreu numa determinada época, tendo-se mantido por anos e passado de geração em geração (e.g. museus, igrejas, estátuas, palácios, entre outros).

Para a Unesco (2003, s.p.), o termo Cultura Imaterial:

(...) inclui as tradições ou expressões vivas herdadas dos nossos antepassados e transmitidas aos nossos descendentes, tais como:

- a) Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial;
- b) Artes do espetáculo;
- c) Práticas sociais, rituais e eventos festivos;
- d) Conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo;
- e) Aptidões ligadas ao artesanato tradicional.

Também a Cultura Imaterial é tradicional, contemporânea e viva; é inclusiva e representativa e cria-se na comunidade.

Este tipo de cultura não é palpável, ou seja, passa de geração em geração numa espécie de costumes e tradições (e.g. música - fado, a dança típica de uma região - rancho folclórico, lendas e a gastronomia).

A Cultura Erudita “(...) trata-se de uma manifestação cultural ou artística que foi gerada após estudos prévios e que somente indivíduos especializados podem exercê-la” (Conceito.de., 2020, s.p.), ou seja, requer investigação, estudo e formação aprofundados através de estabelecimentos como a escola e as bibliotecas. Este tipo de cultura está associado aos artistas profissionais e não engloba todo o tipo de público, como, por exemplo, os teatros, concertos e exposições artísticas, enquanto a Cultura Popular é feita de forma espontânea, transmite-se através da oralidade sem quaisquer registos e é acessível a qualquer tipo de público (Conceito.de., 2020).

Por fim, temos a Cultura Organizacional que está relacionada com os valores, perspetivas, crenças e normas e segue um padrão de uma organização ou empresa (Conceito.de, 2020).

Não é fácil ter uma definição universal e aceite por todos, pois as perspetivas divergem mas, de uma forma geral e abrangente, citamos Pereira (2013, p. 77), ao afirmar que Cultura,

“[...] é a perceção que um grupo tem de si mesmo e das suas perspetivas quanto ao futuro, é um produto de uma rede relacional, permitindo a estruturação de identidades e demonstrando uma visão do mundo específica, cujos significados são espelhados e veiculados pela língua e pelo comportamento não-verbal dos membros do grupo cultural.”

Por outras palavras, existe um conjunto de normas, valores, costumes e conhecimentos transmitidos por meio de um grupo ou sociedade, o que permite que num determinado grupo social se crie uma identidade.

Para além destas Culturas, consideradas 'cultura dominante', existem também as subculturas, isto é, alguns grupos minoritários que partilham entre si os mesmos ideais, comportamentos, formas de se vestir, passatempos, religião, política, etnia, ideologias e estilo de vida. Como exemplos temos a cultura cigana, os góticos, entre outros, por partilharem entre si a língua, identidade, comunidade e história. Embora os indivíduos se identifiquem com o seu grupo de pertença, “(...) coexistem na mesma sociedade, ainda que em oposição” (Porto Editora, s.p), mesmo que compartilhem alguns valores, normas e costumes da cultura dominante.

Em suma, a cultura está presente em todos os indivíduos porque é um mecanismo natural e espontâneo, adquirido desde o nascimento, que passa de geração em geração, e também resulta da convivência com o meio e a sociedade em que se insere. Em todos os países existe uma diversidade de culturas.

Importa referir que a Cultura não é invariável nem linear, pois está sempre em constante mudança ao perder ou ao integrar novas características, por forma a evoluir e melhorar a vida dos cidadãos. Isto é natural pelo simples fluxo entre os povos e países que entram em contacto numa troca de ideias, culturas, saberes e todo o tipo de informações e costumes. Esta troca é importante, porque ao estarmos em contacto com

outras culturas, adotamos hábitos culturais de outros países, que de início até podemos achar estranho, mas que depois se aceita e de que se usufrui fazendo com que haja evolução cultural.

Dessa forma, não há ninguém que observe o mundo com uma visão livre de preconceitos. A pessoa tem uma forma de pensar que é influenciada por uma série de aspetos que as pessoas aprendem. Isso é transmitido de geração em geração. As regras que as pessoas aprendem são importantes para a sua vida (Benedict, 1977).

Segundo Morgado (2014), a cultura é uma herança social, portanto são as gerações adultas que vivem em torno de uma determinada sociedade que espoletam a transmissão de diversos padrões, crenças, valores e costumes, vinculados da sua própria cultura, para as gerações mais novas; daí ser uma herança porque é passada ao longo dos anos, de gerações em gerações no contexto social e familiar. Ora, a herança é o que aprendemos através da família e das experiências que vivemos e resulta num processo de socialização.

O processo de socialização consiste numa aprendizagem de regras e práticas (e.g. hábitos, competências, valores, crenças, entre outros), que caracteriza a sociedade em que nos encontramos, para que possamos ser indivíduos participativos e respeitadores na esfera social. É através deste processo que surge a aquisição cultural, a integração da cultura na personalidade e a adaptação ao meio; os mecanismos de socialização são a aprendizagem, a imitação e a interiorização por parte de outrem, ou seja, aquele que se identifica com um determinado sujeito ou grupo social, sendo fundamentais os agentes de socialização (Abrantes, 2017).

De forma geral, existem dois tipos de agente de socialização, nomeadamente: (i) a primária, que está direcionada para a família como agente social principal, tendo como objetivo incutir na criança certos hábitos, modelos de comportamentos a praticar, a linguagem e características próprias da sociedade em que se encontra inserido para poder ser um indivíduo participativo no seu meio; esta fase é muito importante, pois as crianças são seres que precisam de seguir os seus líderes, neste caso são os familiares mais próximos e também os seus semelhantes. É através dos modelos já referidos que as crianças vão interiorizando por imitação a realidade que os circunda; (ii) socialização

secundária ocorre na fase adulta, quando surge a necessidade de adaptações às condições sociais, como por exemplo, a sua independência, casar, ter filhos, entrada no mercado de trabalho, formas de estar e ver diferentes de uma cultura e/ou sociedade dominante, entre outros.

2. Cultura Surda

A Cultura Surda é o conjunto de crenças, valores morais, hábitos, história e língua, que representa um Povo Surdo através da sua língua - a Língua Gestual - como meio de comunicação, bem como da sua identidade, o ser Surdo. Pereira (2016, p. 75) afirma que “[...] o conceito de ‘cultura Surda’ foi sugerido pela primeira vez nos anos 70 para ilustrar a ideia de que as comunidades Surdas têm o seu próprio modo de vida construído através das línguas gestuais”.

Independentemente do grau de surdez, eles possuem uma enorme riqueza, uma cultura única e particular, que se expressa mediante uma língua visual que lhes permite serem cidadãos Surdos participativos na vida social. Mas, dentro dessa mesma Comunidade Surda, há uma diferença entre ser Surdo e padecer de Surdez (Ladd, 2017).

Aquele que é surdo, porque perdeu a audição, é conhecido como alguém que utiliza o método oral sem qualquer conhecimento da língua gestual, não se identifica e nem possui o sentido de pertença a uma comunidade e cultura surdas, enquanto o ser Surdo se refere a uma identidade linguística e cultural, tem como a sua língua materna a língua gestual, tem identidade e cultura Surdas e escolhem ainda participar ativamente na sua comunidade (Ladd, 2017). Nem todas as pessoas com perda de audição se identificam como pessoas Surdas, porque esta identidade é uma escolha pessoal e também cultural, uma vez que, “A cultura permite ao indivíduo estruturar a sua própria identidade pessoal [...] define o indivíduo como um membro único de um conjunto de pessoas” (Pereira, 2013, p. 37).

Em suma, existe uma Cultura Surda porque há um elo comum, o da comunicação, aquele das vivências e formas de ver o mundo, fazendo com que surja uma comunidade, a Comunidade Surda.

2.1. Definindo a Cultura Surda

Antes de sabermos exatamente como surgiu o conceito de Cultura Surda, é importante compreendermos como o mundo olhava os indivíduos Surdos e, para isso, vamos rumar aos tempos da Antiguidade numa viagem até à Idade Moderna, através do trabalho de investigação do professor Paulo Vaz de Carvalho (2007) publicado no seu livro *'Breve História dos Surdos - no Mundo e em Portugal'*.

Os Surdos eram adorados pelo povo do Egito como se fossem deuses, pois, "(...) acreditavam que transmitiam mensagens secretas dos deuses ao Faraó, que por sua vez as transmitia ao povo" (Carvalho, 2007, p. 8). Na Palestina, os Surdos eram aceites na sociedade mas com algumas limitações e restrições, nomeadamente a posse de bens, propriedades e casamento, embora houvesse leis que os protegiam de serem amaldiçoados, estes não tinham o direito de participar livre e ativamente na vida social, nem nos rituais dos templos judaicos; já na Grécia reinava toda a teoria e descoberta da filosofia da vida, uma vez que aí surgiram os grandes filósofos, muito conhecidos na atualidade, como Aristóteles e Sócrates. Os Surdos, para os gregos, tal como as pessoas com doença mental e outros com alguma diferença, eram considerados incompetentes, inúteis, incapazes de possuir linguagem e pensamento, de atingir a perfeição física e intelectual como os grandes gregos desejavam. Por serem vistos desta maneira não tinham qualquer poder e direito à vida, à educação e a estar na sociedade porque "o pensamento só se desenvolvia com linguagem e, para eles, só a fala desenvolvia a linguagem" (Carvalho, 2007, p. 10); e é através desta teoria enraizada no ano 355 a.C. que Aristóteles não defendia os Surdos nem os incluía. Cinco anos mais tarde, Sócrates foi capaz de os reconhecer como indivíduos com linguagem e aptos para raciocinar "usando as mãos, a cabeça e outras partes do corpo, por estarem privados de audição" (Carvalho, 2007, p. 10), mas a teoria filosófica de Sócrates não foi suficiente para influenciar e convencer os romanos, já que partilhavam da mesma opinião dos gregos. Na Idade Média, a doutrina da Igreja Católica "acreditava que a alma dos Surdos não era imortal, pois eles não diziam os sacramentos" (Carvalho, 2007, p. 14), e estavam proibidos de casar e de receber educação, eram filhos dos pecadores, mas reconheciam que a língua gestual era proporcional à fala.

Só na Idade Moderna é que começam a surgir os primeiros educadores/professores de Surdos, bem como estudos sobre a surdez e a capacidade dos Surdos aprenderem a ler e a escrever. Ponce de León foi o primeiro educador de Surdos, ensinando-os a falar, escrever, ler, rezar e dar a conhecer as doutrinas do cristianismo. Foi também Ponce de León que derrubou todas as teorias anteriores de que eles não possuíam capacidades de aprender e de compreender, o que influenciou Pablo Bonet. Este, por consequência, através da publicação do livro *'Redução das Letras e Arte para Ensinar a Falar aos Mudos'*, o primeiro livro sobre a educação de Surdos, levou a que muitos se interessassem pela descoberta de uma verdadeira e digna Educação de Surdos por toda a Europa, inclusive John Bulwer que foi o primeiro médico inglês a acreditar que a língua gestual era uma comunicação natural e imprescindível ao Surdo (Carvalho, 2007).

Contudo, não foram todos os que se interessaram pela surdez e pelas pessoas Surdas que defendiam ou reconheciam a importância de uma língua visual. Uns defendiam o oralismo puro, outros que a leitura labial era crucial para aprendizagem da fala e da leitura, outros, ainda, usavam alguns gestos e o alfabeto manual para o ensino da fala, até que surgiu o *'Pai da Língua Gestual e dos Surdos'*, o Abade de L' Épée (Nakagawa, 2012).

Charles Michel de L' Épée foi um abade francês que reconheceu os Sinais Metódicos/ Língua Gestual como meio de comunicação e fundou a primeira escola pública de Surdos, influenciou diversos professores e Surdos por todo o Mundo e continua, até hoje, na memória e de importância histórica na Educação dos Surdos (Carvalho, 2007).

Todas estas perspetivas ao redor das pessoas Surdas foram impulsionadoras para melhor compreendermos que a Cultura Surda esteve sempre presente nos indivíduos Surdos, direta ou indiretamente, mas estava lá com vigorosas raízes, fortalecendo ainda mais a importância, o dever e o direito de sermos quem somos por natureza, sugerindo a sua aceitação (Nakagawa, 2012).

Padd Laddy, em 1980, identificou o conceito de Cultura Surda através do trabalho linguístico de Stokoe, ou seja, que não é apenas o não ouvir ou a condição de

surdez, mas os costumes, hábitos, história, orgulho e, acima de tudo, a língua que molda toda uma comunidade e identidade, o sentimento de pertença e as suas vivências, comuns a todos os Surdos, que leva a que faça todo o sentido coexistir uma Cultura Surda, pois

[...] é um evento exclusivo da humanidade, é um todo complexo, adquirido e partilhado pelos membros de um grupo, transmitido de geração em geração, permitindo que um grupo se adapte às circunstâncias externas. É um leque de padrões comportamentais definidos, veiculados por símbolos; é a teoria dos membros de um grupo acerca das regras de funcionamento da sua comunidade e das ideias dessa comunidade sobre o mundo [...]” (Pereira, 2013, p. 77).

Torna-se claro que a Cultura Surda segue o mesmo trilho de outras culturas dominantes, ocorre de forma natural e em espaços seguros dentro da sua comunidade.

2.2. Cultura Minoritária ou Subcultura Surda

Cultura e subcultura são dois conceitos relacionados, embora distintos, pois como já foi referido, a cultura refere-se a um conjunto de valores, crenças, normas, tradições, costumes, linguagem e comportamentos coletivos de uma determinada sociedade, como, por exemplo, a religião, a língua, a gastronomia, a arte, a música e muito mais. Por outras palavras, a cultura é, normalmente, reflexo de uma maioria na sociedade, que é transmitida de geração em geração, como é o caso da cultura japonesa que dá ênfase à cerimónia do chá, a escrita kanji, animes, entre outros aspetos culturais (Pinto, 2013).

Já a subcultura insere-se na cultura dominante, diferindo nalguns aspetos culturais da cultura predominante, mesmo que partilhem e incorporem aspetos da cultura maioritária da sociedade, ou seja, têm as suas próprias identidades culturais, mas com algumas características culturais que os diferenciam da cultura dominante. Estas subculturas surgem, muitas vezes, pelos interesses comuns, experiências peculiares ou até mesmo identidades representativas, como é o caso da subcultura *punk* em que os indivíduos usam um determinado estilo de roupa, a música é de categoria

punk rock, apresentam valores antiautoritários e símbolos do anarquismo (Pinto, 2013). Outro exemplo é a subcultura gótica, que se identifica com um estilo mais sombrio e obscuro, tal como a música gótica, enquanto os *geek/nerd* partilham de interesses culturais específicos, videogames, tecnologias e filmes de ficção científica. Estes grupos minoritários contêm uma linguagem própria, símbolos e comunidades (Pinto, 2013). Ladd (2003, citado por Pereira, 2013, p. 43) refere que as “subculturas podem ter origem dentro de uma sociedade, como é o caso dos grupos homossexuais, ou fora dela, como é o caso dos grupos imigrantes.” e os “membros das culturas minoritárias desenvolvem-se separadamente das culturas maioritárias porque as minorias detêm sistemas culturais próprios”.

O que permite comprovar a existência de uma cultura é a própria língua da Comunidade Surda, a língua gestual, até porque, segundo Thomas (2002, citado em Gomes, 2012, p. 25) “os significados são produzidos e “trocados”; o acesso comum à linguagem permite o acesso à cultura”. E, como Pereira (2013, p.) refere “a língua encontra-se profundamente relacionada com a cultura humana a que pertence.”

Para ser uma cultura, a existência de uma língua não basta, mas as lutas pelos direitos de igualdade, equidade e reconhecimento das Línguas Gestuais (LG) realça os valores, crenças e ideais inerentes à cultura Surda existente na sociedade, até porque “uma minoria é um grupo de pessoas que é menor em número do que o resto da população de um dado Estado (...) tem características étnicas, religiosas ou linguísticas que contrastam com as do resto da população” (Pereira, 2013, p. 42).

Na nossa perspetiva, a Cultura Surda portuguesa é classificada como uma cultura distinta e única, mesmo que os indivíduos Surdos partilhem dos mais variados aspetos culturais da cultura portuguesa, cultura dominante dentro da sociedade onde se insere. No entanto, estas pessoas possuem uma língua, valores, tradições e experiências inerentes à própria Comunidade Surda. Além disso, a Cultura Surda preza pela comunicação visual e a expressão corporal, e, também, pela sua identidade.

O que difere entre cultura e subcultura é esta última representar uma cultura minoritária que está inserida numa cultura maioritária, os ouvintes; e como Gomes (2012, p. 36) refere “A perspetiva antropológica, ao conceber o surdo como alguém que

é membro de uma minoria linguística e cultural, convida à rutura com este campo epistemológico, uma vez que a perspetiva de análise se aproxima mais de uma educação inter/multicultural”.

Contudo, a Cultura Surda pode ser considerada uma cultura minoritária ou uma subcultura partindo da perspetiva de quem a analisa, enquanto uns partilham da nossa visão de que é uma cultura diferente e ímpar, outros consideram-na uma subcultura fazendo parte da cultura dominante. A Cultura Surda vai ao encontro da sua individualidade e de como se interpreta a definição de cultura, mas “[...] a definição de cultura compreende a visão dos membros sobre o seu futuro como grupo, e as culturas minoritárias dão mais ênfase ao planeamento de um futuro alternativo do que as culturas maioritárias” (Pereira, 2013, p. 36).

2.3.As diferenças entre a perspetiva antropológica e a perspetiva médica

A ideia da Surdez e a sua constituição é abordada por duas perspetivas: (i) a médica, que usa o termo “*deficiência*” designado pela anormalidade, falta de algo que não é comum e/ou natural, como se tivesse um defeito e, também, que essa deficiência impossibilita uma vida social estável e segura, procura a necessidade de uma reabilitação adaptada ao seu problema; e (ii) a perspetiva antropológica, que considera a surdez como uma diferença que a distingue dos demais através da cultura, língua, ideais, crenças e valores que geram comunidades como, neste caso, a Comunidade Surda.

A perspetiva médica considera o sujeito que não ouve como um deficiente auditivo, tem uma perda auditiva, é incompleto; é um desvio da norma que necessita de ser corrigido e/ou moldado a um ser dito normal (ouvinte). Encara a surdez como uma privação de sons, fala e a capacidade de interagir no seu dia a dia, provocando uma desvantagem na forma como está no mundo.

Foi com base na perspetiva médica que ocorreu em 1880 o II Congresso Internacional da Educação de Surdos em Milão, que teimava no conceito da deficiência e na urgência de moldar o ser humano que não ouve, por forma a tornar-se ouvinte e que produza fala. Assim, proibiu-se neste Congresso o uso da Língua Gestual, bem como os professores Surdos.

No Congresso decidiram por práticas de oralização que contribuíam, de acordo com Nakagawa (2012, p.36),

[...] para a cura e para a superação da surdez: práticas de oralização (ortopedias da fala), treinamentos auditivos, escolas-clínicas centradas em pedagogias e terapias de reabilitação, processos cirúrgicos de cura, desenvolvimentos de próteses, e outros vários dispositivos que “tratam” a surdez por meio de projetos e expectativas ouvintes.

Desta forma, é negada a existência de uma identidade Surda, dando relevo a uma identidade que deve ser comum a todos. Em consequência disso, “Milão teve um impacto tremendo na vida das pessoas Surdas, levando a mais de um século de sofrimento, pois negar às crianças Surdas o acesso a uma identidade linguística e cultural gerou nelas traumas profundos” (Pereira, 2013, p. 68).

De referir que Cultura Surda considera o sujeito Surdo alguém com características próprias e/ou uma minoria sociocultural e linguística. Nos séculos XVIII e XIX, os Surdos sobressaiam pela sua cultura e língua gestual nas escolas, a qual era permitida. Nem mesmo com as medidas do Congresso de Milão a Comunidade Surda desistiu, tendo lutado para a aceitação de uma comunidade minoritária linguística e cultural, demonstrando que o ser Surdo representa uma identidade, assim como a sua história e vivências (Nakagawa, 2012). Neste sentido, umas das maiores lutas desta comunidade foi o reconhecimento das LGs como línguas naturais do povo Surdo, o que motivou os Surdos a não ficarem reféns das medidas e ideais dos ouvintes, ou seja, a Comunidade Surda assente no ser Surdo como uma identidade própria que renega a necessidade de usar próteses auditivas e implantes cocleares para se curar, pois no caso português, os Surdos possuem uma língua natural reconhecida a 20 de setembro de 1997 na Constituição Portuguesa, em seu *artigo 74º, ponto 2, alínea h* (Constituição da República Portuguesa. (n.d.).

Sobre a força de uma comunidade temos o termo ‘*Deafhood*’, uma conceção criada pelo ativista e pesquisador Surdo britânico Paddy Ladd, o qual reflete o orgulho das pessoas surdas pelo fato de pertencerem a um grupo social único, com uma língua

de origem única, visuo-espacial, que pode ser adaptada em contextos internacionais. Além disso, é uma fraternidade mundial cujo objetivo é simbolizar a união entre os povos e contribuir para a diversidade humana (Pereira, 2013); segundo Morais (2022, p.62), “[...] Surdidade é (...) o orgulho dos Surdos na sua cultura de base de LG, contribuiu para despertar o reconhecimento da existência da Cultura Surda.” Segundo Pereira (2013), Ladd usou *Deafhood* como uma abordagem para a compreensão da surdez enquanto uma identidade cultural e linguística, cujos membros são merecedores de reconhecimento e respeito, contrariando assim a visão da medicina que interpreta a surdez como uma deficiência auditiva. Assim, é o termo que mais motiva os Surdos a se autorreconhecerem e a fazer reconhecer aos ouvintes o ser Surdo, usando o conceito como uma força para mudar as mentalidades dos ouvintes - o audismo - que perduram até aos dias de hoje.

‘Audismo’ é o conceito que se refere a atitudes e práticas discriminatórias e/ou preconceituosas sobre as pessoas Surdas, dando a ideia de que a audição e a fala são as únicas formas de comunicação; ou considerá-las como seres deficientes/ com deficiência e até incompletas por não poderem ouvir. Há uma pressão sobre os Surdos para aprenderem a oralizar e a fazer leitura labial, desmerecendo e desvalorizando a língua gestual, conduzindo à falta de acessibilidade nos mais diversos ambientes de conversa e de informação, e também aos serviços de interpretação, bem como o não reconhecimento das suas capacidades e vontades. Portanto, o ‘audismo’ são as práticas que a Comunidade Surda enfrenta lutando para as erradicar e reclamar, assim, pelo seu direito a ser e estar numa sociedade maioritariamente ouvinte, exigindo e promovendo a igualdade, equidade, inclusão e aceitação da sua riqueza no que diz respeito à cultura, língua e comunidade.

O povo Surdo afirma ser capaz de tudo exceto ouvir e, por essa mesma razão, lutam reivindicando os seus direitos como quaisquer outros cidadãos. Neste sentido, Nakagawa (2012, p. 35) afirma que “A surdez, signo em luta, é assumpção disputada entre grupos minoritários que a afirmam como diferença em seu aspecto político [...]”. A ‘Surdidade’ (traduzido do inglês *Deafhood*) pretende que seja uma busca em afirmar a identidade Surda, enquanto cultura e experiências inerentes à Comunidade Surda e/ou

ao sujeito Surdo, assim como impulsionadora do reconhecimento, aceitação e respeito pelas LGs e Comunidade Surda como um elo único.

No entanto, no que toca às práticas promovidas pela medicina, há uma enorme controvérsia no seio da Comunidade Surda e respetiva Cultura, quanto ao uso do Implante Coclear e/ou próteses auditivas, pois dá uma imagem de humilhação na caracterização do ser Surdo. Contudo, é essencial compreender toda a história dos Implantes Cocleares, desde a sua génese até aos dias de hoje. Toda esta temática dos implantes cocleares surgiu no ano de 1745 com Alessandro Volta, físico italiano, que experimentou nele próprio a colocação em “[...] ambos os seus ouvidos 2 lâminas de metal conectadas aos dois polos de uma bateria de aproximadamente 50v. Como resultado, a experiência ocasionou uma sensação auditiva semelhante a um borbulhar, como se algum material estivesse a ferver (...) Esta é considerada a primeira tentativa de estimulação elétrica com perceção auditiva.” (Santos, 2019, p. 7).

Desde então surgiram investigações, investimentos e experiências na expectativa de corrigir uma perda auditiva e/ou surdez através de uma peça elétrica a ser colocada na cóclea para que as pessoas pudessem ouvir. Durante este período também se verificaram muitas falhas, desistências e falta de investimento.

Em 1961, um médico otorrinolaringologista, Dr. William House, procedeu ao primeiro implante coclear monocal num paciente com surdez profunda devido à otoesclerose. Esta foi a primeira cirurgia com colocação de eléctrodos intracocleares na scala tympani. No entanto, a baixa biocompatibilidade dos eléctrodos causou problemas que obrigaram House a retirá-los. O receio de infeção e rejeição levou Dr. House a abandonar temporariamente a pesquisa na área dos implantes (Santos, 2019).

Contudo, outros médicos continuaram a investigar e a fazerem experiências para ‘consertar’ o que não se pode corrigir. Foram feitas muitas cirurgias por vários médicos otorrinolaringologistas, até 1972, dado o avanço de novas tecnologias. Nos Estados Unidos da América o Dr. William House regressa e realiza, segundo Santos (2019), o seu primeiro implante coclear portátil com grandes dimensões, tendo este diminuindo de tamanho com o passar dos anos. Tratava-se de um *implante monocal*. Os resultados obtidos foram considerados normais, ou seja, o implante coclear

aprimorava a habilidade de leitura labial e a qualidade de vida dos indivíduos submetidos ao procedimento. Conforme previsto, os participantes não conseguiam compreender completamente o discurso. Porém, um achado revelou-se surpreendente uma vez que o implante coclear contribuía para a capacidade de expressão verbal dos pacientes. Dessa forma, a conclusão principal do estudo foi que os benefícios dos implantes superavam significativamente os riscos associados. (Santos, 2019). Os sujeitos Surdos não terão qualidade de vida se não compreendem o discurso, isto é, ouvir conforme um ouvinte que, por sua vez, adquiriu de forma natural e espontânea a sua linguagem; os Surdos correm o risco de não adquirirem nenhuma das línguas, quer a oral, quer a gestual. Sujeita-se assim o Surdo ao risco de comprometimento da sua saúde em vez de o aceitarem como ser humano, com uma identidade e características próprias através da sua língua visual. É também sujeitar o Surdo a um esforço superior ao de um ouvinte ao sobrecarregá-lo com várias horas de terapia da fala, ler os lábios em conversas distintas com uma ou mais pessoas por dia, todos os dias; é submetê-lo a uma cirurgia sem saber se resulta ou não. Tal como Morais (2022, p. 39) refere, "(...) há uma negociação conduzida pela perspetiva clínica sobre a família da criança Surda para colocar o implante coclear (IC) (furo na massa óssea do cérebro para colocar o diapositivo coclear), que custa em média acima de dez mil euros". Posto isto, não é, de todo, possível corrigir ou reabilitar a surdez, um Surdo é para a vida toda, um Surdo. E "[...] ainda a Comunidade Surda aguarda pelos resultados dos estudos sobre o efeito dos IC's no crescimento linguístico/cognitivo" (Morais, 2022, p. 40).

2.4. Cultura Surda e o impacto das tecnologias

No nosso quotidiano são cada vez mais utilizadas as vias de comunicação, como a internet, o telefone, a televisão, a comunicação via correio e a abertura de fronteiras. Desta forma, é facilitado o acesso a outras comunidades, línguas, tradições e outras características, próprias de outros países. Todos estes avanços tecnológicos fazem com que as comunidades Surdas se expandam e possam partilhar entre si experiências das suas vivências e ideais (e. g. em congressos nacionais, internacionais e mundiais onde há uma livre expressão e convivência entre várias comunidades Surdas). Baseando-nos em Nakagawa (2012, p. 50), vemos que "[...] as culturas surdas delimitam espaços onde se manifestam as diferenças comportadas nessa própria cultura hospedeira".

Na era do digital, as novas tecnologias tiveram uma enorme influência na população Surda uma vez que, “encurtou distâncias, possibilitando a troca de experiências e o diálogo através de videochamadas” (Gori et al., 2020, p. 106).

As novas tecnologias permitem que os Surdos acedam facilmente a novas informações da esfera mundial, o que faz com que estejam a par do que acontece ao seu redor, proporciona uma maior autonomia através de mensagens de texto como forma de comunicação com os ouvintes que desconhecem a língua gestual, possibilitando uma melhor acessibilidade e inclusão social. Conforme Andriole et al. (citado por Gori, et al., 2020), o ciberespaço passou a ser reconhecido como uma importante ferramenta de inclusão social, uma vez que, na era contemporânea, as tecnologias desempenham um papel central. Por meio de recursos como chats, videochamadas e e-mails, o ciberespaço oferece oportunidades de comunicação e interação. Além disso, essas tecnologias facilitam o acesso a informações, oferecem opções de entretenimento ‘online’ e possibilitam oportunidades de emprego, contribuindo para a independência cívica das pessoas surdas.

Ainda existe um longo caminho a percorrer para uma verdadeira inclusão social, pois, ainda não há acessibilidade absoluta devido à falta de legendas nos filmes, séries, documentários e vídeos de entretenimento em língua portuguesa. É importante a presença de um intérprete nos canais infantis ou a colocação de intérpretes em grande escala nos anúncios publicitários, que faça chegar a informação a todos os indivíduos Surdos através da língua que os representa.

A tecnologia é fundamental no desenvolvimento pessoal e social da população Surda, mas há falta de investimentos na área da saúde em Portugal, apesar de termos o Sistema Nacional de Saúde 24 (SNS 24) que permite a comunicação entre os dois mundos, tendo a o intérprete como ponte de comunicação por meio de videochamadas, o que é uma mais-valia para todos os Surdos.

No nosso quotidiano, enquanto pessoa Surda e professora de LGP, vemos que as tecnologias permitem a resolução de vários problemas: pagamentos, esclarecimento de informações, entre outros assuntos nos mais diversos serviços públicos e privados. É vantajoso para os Surdos porque não precisam de sentir as barreiras comunicativas em

questões simples e de fácil resolução, pois está escrito e poderá ser feito tudo por via digital. É de realçar e louvar o impacto positivo das tecnologias na Comunidade Surda quando experienciamos um período de confinamento devido à situação pandémica, Covid-19; foi graças à tecnologia que os Surdos mantiveram a comunicação entre si sobre os mais diversos assuntos, aproximou Surdos de vários países mediante diretos, lives do Instagram, Facebook e outras plataformas digitais.

Portanto, os meios de comunicação, nomeadamente a *Internet* e a criação de videochamadas e/ou *FaceTime* trouxe, sem dúvida, uma 'era dourada' para a Comunidade Surda, seja ela nacional ou internacional, o que gera uma maior sensibilização aos ouvintes de modo a quebrar as barreiras vigentes na comunicação. É através da internet que conseguimos dar a conhecer a importância da Língua Gestual, da Comunidade Surda, da Cultura Surda e o respeito pela Identidade Surda e o Povo Surdo. Além disso, a era digital contribui para uma maior interação, conhecimento e aceitação das diferenças linguísticas e culturais.

2.5. Experiências culturais e identitárias dos sujeitos Surdos

Muito dos Surdos, em Portugal e no mundo, tiveram uma educação que não respeitava as suas particularidades, a sua cultura e língua (Gomes, 2012).

A falta de acessibilidade, igualdade de oportunidades e de direitos, equidade e justiça social, eleva as barreiras que o sujeito Surdo procura quebrar em prol de algum sucesso na vida pessoal e profissional. Para o alcançar tiveram de passar por experiências desagradáveis suscitadas pela perspectiva médica, o que, de certa forma, trouxe experiências culturais e identitárias aos sujeitos Surdos que se uniram para decidir sobre si mesmos (Gomes, 2012).

É nas relações com o nosso semelhante que procuramos a nossa identidade e abrigo; é no conforto em proclamar a surdez sem qualquer tipo de receio, na importância do ser Surdo na sociedade para quebrar as barreiras que se colocam, em mostrar o orgulho nas suas conquistas, dando a entender que nada nos é impossível, que é importante salientar que "[...]os surdos podem fazer tudo o que os ouvintes fazem menos ouvir" (Alexandra Perry, comunicação pessoal, Pereira, 2021). A língua gestual é uma língua visual e inerente aos Surdos permitindo afirmar a diferença no mundo e

desenvolverem-se enquanto sujeitos autónomos; urge eliminar o termo ‘deficiência’ para que sejam reconhecidos como uma minoria sociocultural e linguística. Na educação, a língua gestual permite a aquisição da língua portuguesa, de modo que o sujeito Surdo adquira as duas línguas e a compreensão das mesmas.

Nas diferenças encontramos as dificuldades, a urgência em modificar o mundo em prol dos mais necessitados, a urgência da inclusão nas escolas que “garanta a universalidade do acesso, da igualdade das oportunidades e a continuidade dos percursos escolares, aberta à diversidade dos públicos, mas praticando uma política ativa de justiça social em benefício dos mais desfavorecidos” (Gomes, 2012, p. 75) A sociedade recusa-se a abrir portas a esta comunidade por receio ou, simplesmente, pela falta de compreensão das suas capacidades; sentem a necessidade de modificar os Surdos tornando-os à sua semelhança o que não é, de todo, o caminho mais fiável e otimizado.

Em suma, já existe o reconhecimento da Língua Gestual Portuguesa, a luta da comunidade Surda e a educação bilingue para os Surdos, mas defendemos ser importante continuar a lutar para haver uma verdadeira equidade na nossa sociedade.

3. Sujeitos Surdos na aprendizagem

O estudo científico do desenvolvimento humano engloba processos sistemáticos de mudança e estabilidade no que respeita a questão física, cognitiva e psicossocial, aspectos indissociáveis e que se influenciam mutuamente. Este desenvolvimento ocorre desde o nascimento até ao fim das nossas vidas (Amaral, 2018).

Bronfenbrenner (1996, citado por Amaral, 2018, p. 28) indica que “[...] a experiência individual humana se dá em ambientes concebidos como uma série de estruturas encaixadas, uma dentro da outra, como um conjunto de bonecas russas [...]”. Ou seja, o sujeito é dinâmico, está em desenvolvimento, em movimento e age sobre o meio em que vive para aprender a estruturar-se e a recriar-se, pois o ambiente em que se encontra também influencia o seu desenvolvimento em contextos relacionais, sociais e culturais como um processo de interação mútua.

Segundo e Bronfenbrenner (1996, citado por Amaral, 2018), o microsistema é uma estrutura ecológica que serve para descrever o ambiente e refere-se ao contexto familiar como um conjunto de atividades, papéis e relações experienciadas, ou seja, na família, Surda ou ouvinte, moldam-se os valores, as regras e as normas, os sentimentos, as tradições culturais e a língua. Já no mesossistema estão envolvidos dois ou mais contextos, tendo o sujeito um papel ativo no seu desenvolvimento, como, por exemplo, no espaço escolar, onde o sujeito interage com os colegas, professores, auxiliares, técnicos de educação especial, intérpretes de língua gestual, terapeutas da fala, entre outros, em prol de um maior incremento de aprendizagens e de valores, em vários contextos.

A teoria psicossocial de Erik Erikson, mostra-nos que o desenvolvimento humano implica uma sucessão de fases críticas, ou seja, de oito estádios de desenvolvimento. O primeiro estádio de desenvolvimento é a “Confiança vs Desconfiança” que vai desde o seu nascimento (0 meses) até aos 18 meses; pressupõe a segurança no meio familiar para que a criança possa gerar alguma independência e mobilidade para explorar o ambiente que a rodeia. Estabelecer ainda relações interpessoais no futuro, tal como a confiança em si mesma e no ambiente onde se insere, isto é, quando a atenção do bebé se dirige para a mãe, aquela que transmite conforto e segurança para que essa mesma criança aprenda a confiar nos outros (Bouvet, 2003, citado por Amaral, 2018).

Por norma, a criança quando nasce é tratada automaticamente como um ser ouvinte e futuro falante de uma língua oral. No entanto, a descoberta da Surdez gera uma reviravolta no meio familiar, pois uma criança Surda filha de pais ouvintes não tem a sua língua materna de imediato. As crianças ouvintes só se irão sentir protegidas e compreender o mundo que as rodeia, se, precocemente, forem estimuladas a explorar os sons, o sentir através das vibrações sonoras de objetos e da música, vivenciar situações novas e prestarem atenção ao que se passa à sua volta e à comunicação entre as pessoas (Amaral, 2018).

O contexto familiar e social em que a criança Surda vive e cresce, bem como é encarada a falta de audição, varia consoante os diferentes tipos e graus de surdez. Contudo, se os estímulos e as interações pessoais não forem aplicados, sejam eles por

via oral ou gestual, o conhecimento destas crianças em relação ao mundo exterior vai ser de desconfiança, estranheza, medo e insegurança. O facto de não ouvir não é sinónimo de incapacidade em comunicar, pois a linguagem não é verbal por natureza e o melhor exemplo é os dos Surdos. As crianças, Surdas ou ouvintes, têm necessidade de comunicar com os outros, de se exprimirem, dar opiniões, colocar questões, trocar ideias, mostrar o seu estado espírito e também de partilhar conhecimentos (Bouvet, 2003, citado por Amaral, 2018).

As crianças ouvintes que nascem numa família ouvinte possuem uma língua materna que provém da oralidade, enquanto que as crianças Surdas numa família de Surdos, possuem uma língua materna que é visual. Os pais Surdos interagem com o filho da mesma maneira que os pais ouvintes, a única coisa que difere é a língua; os pais Surdos utilizam as mãos para comunicar e ao reproduzirem determinados gestos a criança vai memorizando esses mesmos gestos mas, para este efeito, os pais repetem os gestos para que a criança aprenda, passo a passo, a correta execução dos gestos, utilize e reconheça esta língua e, mais tarde, depois da fase do balbucio, se torne uma criança nativa de uma língua gestual enquanto sua língua materna (Amaral, 2018).

Quanto às crianças Surdas filhas de pais ouvintes, a comunicação enfrenta na maioria das vezes uma grande barreira porque é como se a criança Surda fosse estrangeira na sua própria família; o ambiente linguístico é totalmente diferente e acontece que muitas vezes as famílias esquecem e ignoram tudo o que é associado à surdez porque sentem a necessidade de tornar o filho um ser semelhante a eles, sendo tratado como um ouvinte. Quando uma criança nasce ou fica surda à posteriori, devemos encarar a surdez enquanto tal e não tentar tornar a criança surda numa ouvinte. Infelizmente, muitos pais ouvintes com crianças surdas, com receio de não saberem lidar nem de comunicar com ela, privilegiam a língua oral ao invés de apostarem numa língua que é visual, colocando aparelhos auditivos, implantes cocleares e investir em terapia da fala; nem percebem que a língua gestual é a língua natural de qualquer surdo na medida em que os ouvidos dos Surdos são os seus olhos (Amaral, 2018).

Os preconceitos e a não aceitação da surdez podem prejudicar o futuro da criança relativamente à comunicação, pela ausência de interação entre pais ouvintes

com um filho surdo; para ultrapassar esta situação é crucial o apoio e o conhecimento aprofundado em torno da surdez. Temos desta forma duas perspetivas: a antropológica e a médica. Somos da opinião que é essencial o conhecimento do ponto de vista da medicina desde que não camuflem a importância da comunidade Surda e da sua língua.

Através da língua, o Surdo adapta-se e pertence aos dois mundos em que se encontra: tem a língua gestual para comunicar na Comunidade Surda e a língua portuguesa escrita para se inserir na Comunidade Ouvinte. Para a criança Surda filha de pais Surdos, a língua gestual acontece de forma espontânea no seu meio familiar, enquanto a língua oral está associada aos ouvintes. A criança Surda, filha de pais ouvintes, inclui-se no conceito de comunicação bilíngue, pois envolve as duas culturas e as duas línguas, sendo elas a língua gestual e a língua oral e escrita. A criança Surda que possui duas línguas também tem um sentido de pertença a duas comunidades distintas, tendo cada uma delas uma cultura e língua específicas. É através dessa diversidade que podemos afirmar que este tipo de sujeito Surdo é bilíngue e bicultural (Amaral, 2018).

Sendo assim, a língua promove em nós um sentido de pertença e de identidade e nasce daí o instrumento de socialização e de educação para a produção e receção de informação e de interação pessoal (Amaral, 2018).

Quando se fala em surdez, sabemos que quase 95% das crianças Surdas são filhas de pais ouvintes (Carvalho, 2007; Ruela, 2000, citados por Monteiro, 2013). Como já referimos anteriormente, se essa mesma criança não tiver acesso à sua língua materna, que por norma é a língua gestual, então terá sérios problemas e dificuldades nos mais diversos aspetos do desenvolvimento linguístico, afetivo, comportamental e das aprendizagens. É importante, segundo Monteiro (2013), que esta criança tenha acesso à sua língua natural numa família ouvinte para que não haja barreiras no desenvolvimento e na aquisição de uma linguagem que permita estruturar o pensamento, desenvolver pensamentos complexos e aprender conceitos abstratos, sem limitar a sua leitura do mundo ao concreto; conforme a Organização Mundial da Saúde (2006, citado por Monteiro, 2013, p. 13) já referiu, as crianças Surdas que não possuem língua gestual têm uma “aprendizagem lenta e dificuldades em progredir na escola” acabando por se tornarem, também, pessoas pessimistas, desconfiadas, infelizes e solitárias porque não adquiriram formas de interagir com os outros.

Por norma, no domínio da audição, o aluno ouvinte ouve e interioriza os conhecimentos, mas isso é impossível para os alunos Surdos cuja língua materna é a língua gestual; o facto de não haver professores nas diversas disciplinas que saibam esta língua ou que possuam um domínio teórico e prático na área da surdez, torna-se muito difícil e complicada a aprendizagem escolar (Monteiro, 2013).

O professor de língua gestual é quem possibilita que a criança adquira os conhecimentos na sua língua natural, mas este profissional não tem domínio certificado no ensino do português, matemática, ciências naturais, entre outras; assim, coloca-se um grande desafio na aprendizagem de conteúdos em geral. A função de um professor de língua gestual, como o próprio nome indica, é o ensino de uma língua visual nos seus mais variados contextos, e o problema que se coloca são as dificuldades ao nível de comunicação que afetam a aprendizagem, que nada tem que ver com a capacidade cognitiva da criança (Monteiro, 2013).

Nesse sentido, é fundamental a existência das EREB porque estas aplicam métodos e estratégias de intervenção mais adequados a estes alunos. Para que haja um desenvolvimento da aprendizagem, é importante que as respostas educativas sejam flexíveis, dinâmicas e que assumam um carácter individual; que também seja feita uma avaliação sistemática do processo de ensino e de aprendizagem do aluno surdo em estreita colaboração e participação da família (Decreto-Lei n.º 3/2008). A organização da resposta educativa é determinada pelo nível de ensino, ano de escolaridade, idade dos alunos e pelo nível de competência linguística.

O Decreto-Lei n.º 3/2008, artigo 23.º, alínea 25, que já não se encontra atualmente em vigor, destacava as escolas de referência por:

- a) Assegurarem o desenvolvimento da LGP como primeira língua dos alunos surdos;
- b) Assegurarem o desenvolvimento da língua portuguesa escrita como segunda língua dos alunos surdos;

- c) Assegurem às crianças e jovens surdos, os apoios ao nível da terapia da fala do apoio pedagógico e do reforço das aprendizagens, dos equipamentos e materiais específicos bem como de outros apoios de que devam beneficiar;
- d) Organizarem e apoiarem os processos de transição entre os diferentes níveis de educação e de ensino;
- e) Organizarem e apoiarem os processos de transição para a vida pós -escolar;
- f) Criarem espaços de reflexão e partilha de conhecimentos e experiências numa perspetiva transdisciplinar de desenvolvimento de trabalho cooperativo entre profissionais com diferentes formações que desempenham as suas funções com os alunos surdos;
- g) Programarem e desenvolverem ações de formação em LGP para a comunidade escolar e para os familiares dos alunos surdos;
- h) Colaborarem e desenvolverem com as associações de pais e com as associações de surdos ações de diferentes âmbitos, visando a interação entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte.

A atual legislação, Decreto-Lei n.º 54/2018, no seu artigo 15.º, ponto 1, reconhece que as ERBs,

[...] constituem uma resposta educativa especializada com o objetivo de implementar o modelo de educação bilingue, enquanto garante do acesso ao currículo nacional comum, assegurando, nomeadamente:

- a) O desenvolvimento da língua gestual portuguesa (LGP) como primeira língua (L1);
- b) O desenvolvimento da língua portuguesa escrita como segunda língua (L2);

c) A criação de espaços de reflexão e formação, incluindo na área da LGP, numa perspetiva de trabalho colaborativo entre os diferentes profissionais, as famílias e a comunidade educativa em geral.

Face ao acima referido, sendo a LGP a primeira língua no currículo dos alunos Surdos, esta deve ser lecionada por docentes devidamente habilitados para tal. Esta língua, assumida como disciplina de pleno estatuto no currículo para crianças e jovens Surdos, deve ter a mesma relevância que a Língua Portuguesa (LP) tem para os alunos ouvintes, pelo que deve ser-lhe dedicada a mesma carga horária que a LP no Ensino Pré-escolar e nos 1.º, 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico, respetivamente.

Com base no referido Decreto-Lei, além do docente de LGP, deve também ser assegurada a presença de intérpretes de LGP nas diferentes disciplinas, de modo a permitir o acesso à informação de forma igualitária relativamente aos alunos ouvintes; a função do intérprete é possibilitar e permitir a comunicação entre os dois mundos, Surdos e ouvintes.

Caso a criança não tenha o conhecimento de língua gestual ou a possibilidade de a adquirir em detrimento da aprendizagem linguística por via oral, deverão ser então adotados certos cuidados e atitudes em conversação com um surdo oralizado, por exemplo, salvaguardar-se no seu Programa Educativo Individual informação como Nielsen (1999, citado por Monteiro, 2013, p. 14) refere:

[...] falar pausadamente, sentar o aluno a cerca de três metros para que possa interpretar os sinais visuais e fazer leitura labial, complementar a oralidade com a escrita no quadro, evitar colocar-se em posição de contraluz, não usar bigode nem barba, se for do sexo masculino, e caso seja do sexo feminino não pintar os lábios, por forma a não prejudicar a leitura labial.

O impacto negativo da surdez na aprendizagem só acontece quando não se reconhece que a língua gestual é de facto a língua natural do ser Surdo, estratégia que abre caminho para aquisição de conhecimentos, de interação com os outros, de desenvolvimento cognitivo, de compreensão do mundo e acima de tudo que, em

simultâneo, permite a aquisição da língua portuguesa; também acontece ainda se as famílias não souberem estimular e motivar as crianças e jovens Surdos à aprendizagem de conceitos abstratos e diários (Monteiro, 2013).

Para Amaral (2018), a educação oferece as condições necessárias para o bem-estar e possibilidades de interação com o meio que rodeia a criança ou jovem Surdo. Assim a criança transforma-se num “[...] sujeito “falante”, (...) a ausência de som não significa falta de comunicação (...) é necessário integrar a língua gestual no seu percurso educativo para que se possa desenvolver sem comprometimentos ao nível da língua e estabelecer comunicação quotidiana sem dificuldades” (Amaral, 2018, p.30). Também é possível manter uma comunicação familiar salutar, de forma bilingue, pela via oral e gestual uma vez que a família é intermediária entre a criança e os dois mundos: o dos ouvintes e o dos Surdos.

É desta forma que temos de compreender que cada criança Surda é um caso, pois há os surdos implantados, surdos oralistas, gestualistas, bilíngues, surdos profundos entre outros tipos e graus de surdez. À medida que a criança vai crescendo e se vai desenvolvendo, entra em contacto com a língua dos grupos sociais e essa língua pode ser, ou não, igual à do ambiente familiar. A procura de ajuda e a aprendizagem de uma língua gestual têm influência na vida social e escolar da criança Surda (Monteiro, 2013).

A LGP, bem como a LP, partilha do mesmo estatuto linguístico. O facto de terem modalidades diferentes não faz com que uma seja melhor que a outra. São diferentes, mas cumprem o idêntico papel de comunicação, facilitando o desenvolvimento linguístico (Monteiro, 2013).

ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

1. Objetivo do estudo

Este estudo consiste em analisar e entender a importância do papel do docente de LGP no ensino da cultura e identidade Surdas. A escolha deste tema surgiu porque no ano de 2018 foi legislado e regulamentado o grupo de recrutamento - 360 que visa todos os licenciados na área de LGP, de lecionação ou de interpretação; aqueles que ambicionam a docência, devem ingressar no Mestrado em Ensino de LGP, que depois de concluído com sucesso lhes dá o direito de exercerem em plenitude a profissão de ensinar os alunos Surdos.

No entanto, colocam-se algumas questões: como poderão os alunos Surdos adquirir espontaneamente uma Cultura e Identidade Surdas? De quem é então a responsabilidade em provocar nestas crianças e jovens Surdos a sua essência, de se autoproclamarem como cidadãos com uma Cultura e Identidade Surdas? Foi a partir destas questões que surgiu o tema que originou este estudo, saber da importância de colocar em prática um perfil de docência, no que respeita o ensino da Cultura e Identidade Surdas, conforme o Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa (PCLGP).

O papel do docente de LGP no ensino da Cultura e Identidade Surdas é primordial por diversas razões, entre elas, a preservação da Identidade Surda, a compreensão das necessidades dos alunos Surdos, o despertar o impulso da autoestima e o sentido de pertença, a inclusão efetiva na sociedade, o desenvolvimento de habilidades comunicativas, o contributo para uma diversidade educacional, bem como a promoção de práticas pedagógicas inclusivas que vão ao encontro do sucesso escolar do aluno Surdo respeitando, assim, a sua identidade e cultura.

O público-alvo são todos os professores de LGP de Portugal Continental e Ilhas, sejam eles ouvintes ou Surdos, de qualquer ano de escolaridade (do pré-escolar ao 12.º ano), uma vez que esta temática se centra essencialmente nos docentes de LGP e não nos Surdos que frequentam as Escolas de Referência para o Ensino Bilíngue (EREB).

1.1. Hipótese de investigação

Esta dissertação de mestrado apresenta e expõe, como hipótese de investigação, a necessidade de adotar práticas no ensino no que à cultura e identidade Surdas diz respeito, através do desempenho do docente de LGP. Por essa razão coloca-se a seguinte questão - Qual é o perfil do docente de Língua Gestual Portuguesa no ensino da Cultura e Identidade Surdas?

2. Metodologia

A metodologia consiste na seleção e aplicação do método mais indicado e onde são descritas as etapas a seguir no processo de investigação.

Para a elaboração deste estudo surgiu uma primeira questão relacionada com a recolha dos dados ‘aplicar um inquérito por questionário ou um inquérito por entrevista?’.

O inquérito por questionário, permite auscultar um número significativo de sujeitos face a um determinado fenómeno social, pela possibilidade de quantificar os dados obtidos e de se proceder a inferências e a generalizações. O inquérito por entrevista está associado a estudos de carácter interpretativo e a planos de investigação de natureza qualitativa na recolha e análise de dados ou informações, dado o carácter descritivo e pormenorizado dos mesmos (Batista et al., 2021).

Foi usado o método de pesquisa qualitativa que permite recolher informações detalhadas sobre o tema através da aplicação de um inquérito por questionário eletrónico, permitindo às pessoas responderem de forma livre.

2.1. Elaboração do questionário

“O questionário é um instrumento de medida que traduz os objetivos do estudo com variáveis mensuráveis e ajuda a organizar, normalizar e controlar os dados para que as informações procuradas possam ser colhidas de uma maneira rigorosa.” (Fortin, 2009, p. 58)

O objetivo do questionário foi reunir as respostas às questões aplicadas, para, posteriormente, interpretar as informações obtidas.

Para uma análise da informação foi necessário definir o tipo de perguntas a inserir no questionário para que se pudessem obter os melhores resultados; interpretar de uma forma clara a perspectiva de cada participante acerca do estudo em causa, de forma a retirar conclusões que envolvam todas as respostas válidas e úteis.

Como é sabido, as questões podem ser de dois tipos, abertas ou fechadas, ou seja, pode haver questões com respostas específicas e outras com respostas amplas e generalizadas. Para esta dissertação, considerou-se que o número de questões, de ambos os tipos, deveria estar em equilíbrio para facilitar a recolha dos dados. Procedeu-se, assim, à elaboração de nove questões de resposta fechada (em que os participantes selecionaram uma das opções referidas, uma vez que facilitaria a análise estatística) e outras seis de resposta aberta (onde puderam expor a sua opinião).

2.2. Procedimentos para a recolha de dados

Para chegar até esta fase foram adotadas várias abordagens. A primeira tentativa consistiu na realização de entrevistas a docentes, a alunos Surdos assim como a jovens com o 12.º ano de escolaridade concluído. No entanto, essa abordagem e experimento ficou aquém das nossas expectativas pelo que decidimos em conformidade com o orientador, abortar esta via.

De acordo com os processos de investigação, considerámos que o questionário seria, de facto, o melhor método e também o mais adequado para este projeto de investigação. Assim, foi elaborado um questionário, enviado eletronicamente a vinte e cinco docentes de LGP (cinco docentes de LGP da zona norte, cinco da zona de Lisboa e Vale do Tejo, quatro da zona Centro, dois do Algarve e três das ilhas, todos Surdos e seis professores de LGP ouvintes de várias zonas do país), tendo sido previamente contactados e informados do objetivo do estudo em causa, assim como a disponibilidade imediata para quaisquer eventuais dificuldades ou dúvidas no preenchimento. Contudo, não se atingiu o número de respostas que se pretendia porque apesar dos intervenientes terem afirmado e mostrado interesse em colaborar na nossa investigação, de facto isto não aconteceu pois, na primeira aplicação do questionário, apenas um número bastante reduzido de docentes respondeu. Com isso, fomos levados a pôr em prática o terceiro plano.

Para conseguirmos recolher o máximo de informação de forma clara e perceptível, foi necessário fazer algumas alterações e adaptações ao longo do questionário de forma a que todo o público-alvo, neste caso os docentes de LGP, pudessem compreender as questões que foram colocadas em estudo, no seu todo e em plenitude; mais, foi sempre pensado e posto em prática um questionário num formato totalmente bilingue (LGP e português escrito). As modificações efetuadas foram recomendadas pelo orientador para que a sua estrutura fosse adequada e clara. As revisões do questionário tiveram sempre em mira garantir a recolha de dados de maneira que se atingisse um verdadeiro potencial de respostas que fossem ao encontro do objetivo da investigação e, ainda, esclarecesse a hipótese do estudo.

Para a aplicação do questionário foi utilizada uma plataforma online como meio de obtenção de respostas, com recurso à ferramenta *Google Forms*, em que os intervenientes puderam responder às perguntas com a garantia de anonimato, e, porque, também é considerada uma ferramenta fiável e segura para a recolha e análise do tratamento de dados, assim como ser bastante prática no processo de recolha de informações.

“O inquérito por questionário online é das técnicas de recolha de dados mais utilizadas nas Ciências Sociais e Humanas em projetos de investigação financiados e não financiados e pode ser utilizado para diversos fins.” E, também, “O questionário pode facilmente chegar a abranger uma comunidade, uma região, um país, ou alcançar uma escala internacional, ao ser divulgado por diversas vias, potenciando dessa forma o tamanho das amostras” (Oliveira, et al., 2021).

Este terceiro plano consistiu em enviar um e-mail a pedir colaboração à Associação de Profissionais de Lecionação de Língua Gestual (AFOMOS) para a divulgação do questionário por todos os sócios e não sócios, uma vez que esta tem os contactos dos docentes de LGP, público-alvo essencial para a concretização deste estudo.

Depois da colaboração e partilha feita pela AFOMOS, obteve-se um total de 28 respostas, todas analisadas minuciosamente. De acordo com as opiniões dos inquiridos, constatou-se que, de um modo geral, este questionário era compreensível e claro, não

havendo registo de qualquer problema. Embora tenha havido algumas respostas em branco nas perguntas com resposta aberta, comprovou-se que os inquiridos nem sempre têm paciência para refletir sobre o assunto nem para escrever respostas mais longas.

2.3. Estrutura do questionário

O questionário (Apêndice 1) foi estruturado em quatro partes, tendo como primeira parte a introdução onde estava patente o seu propósito. Na segunda parte foram apresentadas questões pessoais como por exemplo, se o interveniente é ou não uma pessoa nativa da LGP, a sua idade, se participa ativamente na Comunidade Surda, se colabora no movimento associativo e, por último, se utiliza a LGP como língua recorrente na sua vida; sendo estas perguntas de resposta fechada, estão dependentes das opções mencionadas. Numa terceira parte do questionário são apresentadas questões que envolvem o presente e o futuro da LGP, assim como a Identidade e Cultura Surdas da comunidade, havendo uma metodologia mista, com questões de resposta fechada e outras de resposta aberta. Na quarta parte, aquela que vai ao encontro das questões que abordam o papel e o perfil do docente de LGP no ensino da Cultura e Identidade Surdas, também se encontram questões com respostas fechadas e abertas. A recolha de dados teve início em outubro de 2023 e terminou no início de dezembro de 2023.

2.4. Conclusões do questionário

O questionário tem como finalidade analisar e debater as abordagens metodológicas que melhor se adequam ao estudo e tem ainda em conta os objetivos a atingir.

Optámos pela elaboração de um questionário por acreditarmos ser a melhor forma de conseguirmos recolher dados essenciais e percebermos as perspetivas que os docentes de Língua Gestual Portuguesa têm em relação ao ensino da Cultura e Identidade Surdas.

De acordo com os resultados consideramos que o questionário foi, de facto, o melhor método e também, o mais adequado a este projeto de investigação.

Em seguida, é apresentada a análise dos dados recolhidos para este relatório final através da aplicação do questionário.

3. Análise e Discussão de Resultados

3.1. Introdução

Nesta secção apresentamos os resultados recolhidos através do estudo qualitativo, provenientes da análise estatística dos dados recolhidos, mediante a aplicação do questionário aos docentes de Língua Gestual Portuguesa, em todas as regiões de Portugal.

Numa primeira parte é apresentada uma caracterização dos intervenientes que colaboraram no estudo; em seguida, uma análise dos resultados da investigação em torno da Cultura e Identidade Surdas e, por último, foca-se nos docentes de LGP.

3.2. Análise estatística dos dados recolhidos

3.2.1. Caracterização da amostra

Este estudo centra-se nas 28 pessoas que responderam ao questionário, o método indicado para recolhermos o máximo de informação possível.

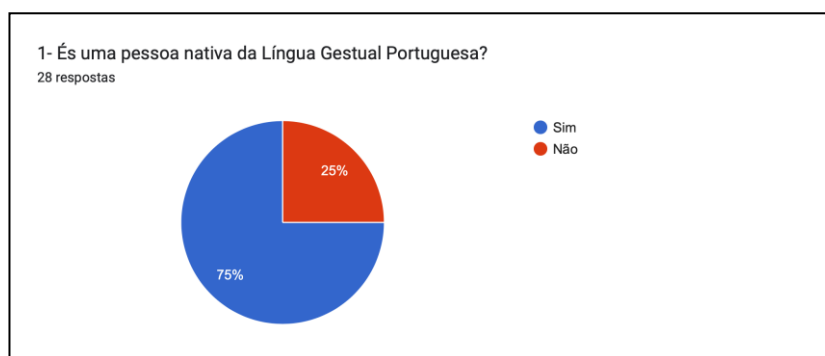


Gráfico 1 - Fluência da LGP

Quanto à proficiência em LGP, podemos constatar que 75% dos professores de LGP são nativos da língua, conforme se pode observar no Gráfico 1. Ou seja, podemos interpretar que são profissionais Surdos, cuja primeira língua e/ou a língua natural é a Língua Gestual Portuguesa.

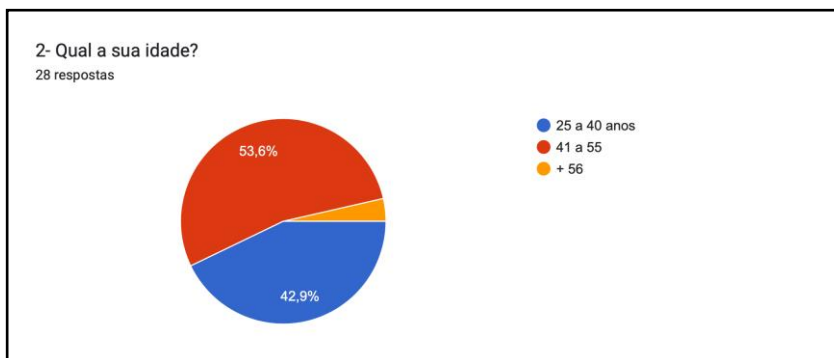


Gráfico 2 - Distribuição por Escalões Etários

Relativamente à idade (Gráfico 2), 53,6% dos participantes têm idades compreendidas entre os 41 a 55 anos, 42,9% têm entre 25 a 40 anos e 3,6% têm 56 anos ou mais.

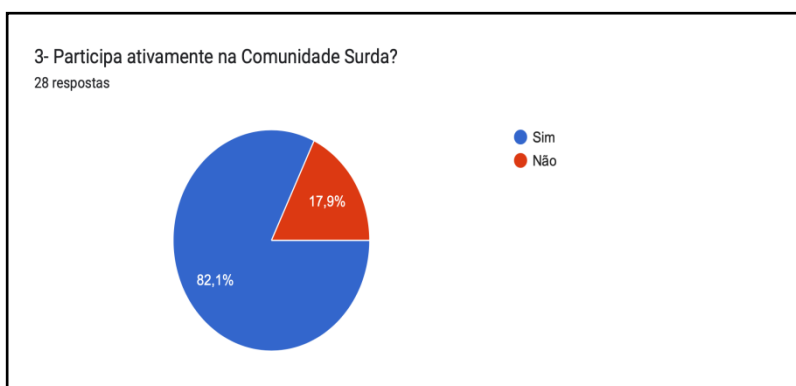


Gráfico 3 - Participação na comunidade Surda

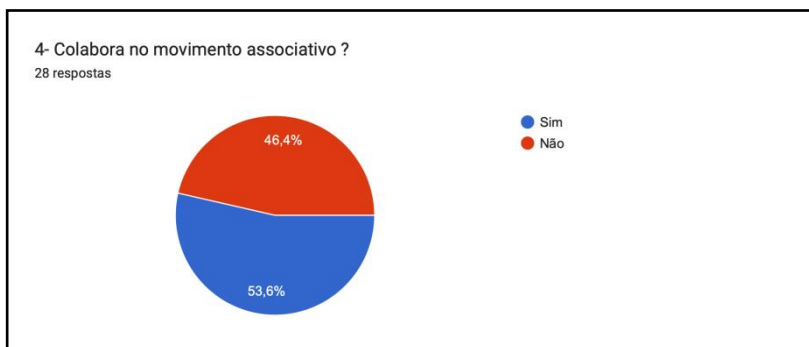


Gráfico 4 - Colaboração no Movimento Associativo

É fundamental percebermos o quão estes participantes estão envolvidos na Comunidade Surda e também no Movimento Associativo Surdo, uma vez que a participação e o envolvimento nestas duas esferas influenciam o seu papel e perfil enquanto docente de LGP; são espaços onde se afirmam e poderão “compreender, discutir, refletir, criar e limar as arestas da Educação, da Sociedade, da Arte, da Cultura, da Literatura e do “Associativismo” (Dias, 2014. p. 39).

De facto, existe uma enorme discrepância entre a participação na Comunidade Surda (Gráfico 3) e a colaboração no movimento associativo (Gráfico 4). Segundo Dias (2014), os principais objetivos da comunidade são a luta pela dignidade da Pessoa Surda, pela Língua, pela Cultura, permitindo também o convívio, o lazer, o desporto, sendo, muitas vezes, considerada como uma segunda família e/ou casa. Segundo a amostra do estudo, é extraordinário que dos 28 inquiridos, há 23 docentes que participam ativamente na Comunidade Surda contribuindo para uma percentagem de 82,1%. Contudo, só apenas 53,6% dos participantes é que colaboram no movimento associativo, e os restantes 46,4% não se inserem no movimento.

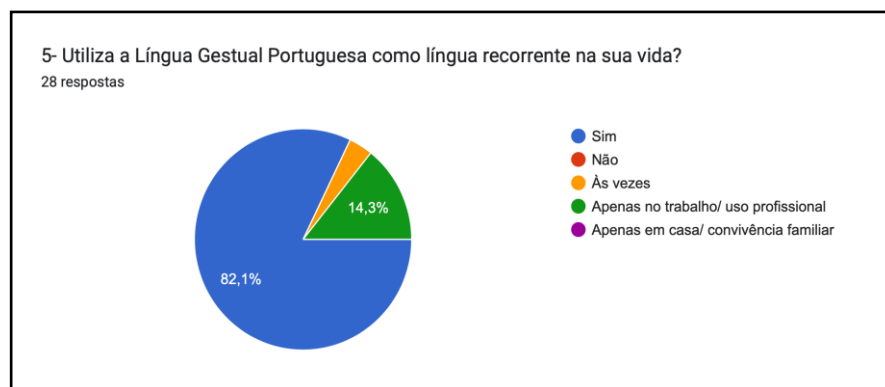


Gráfico 5 - Utilização da LGP

Logo na primeira questão pudemos concluir que a maioria dos participantes são professores Surdos, o que é reforçado com a questão do Gráfico 5, pois verifica-se a utilização da Língua Gestual como língua recorrente na sua vida - 82,1% utiliza a LGP diariamente.

Na segunda parte do questionário, foram elaboradas questões direcionadas para a educação em torno da Língua, Escolas de Referência, Cultura, Identidade Surda e conseqüentemente o perfil de docência no ensino da Cultura e Identidade Surdas.

Para a sexta questão foi elaborada uma pergunta com resposta aberta para que os participantes pudessem dar a sua opinião: se futuramente a utilização da LGP iria progredir ou regredir, seja em espaços escolares e/ou na vida das pessoas Surdas como língua identitária e de comunicação. Na recolha e análise desta questão, 14 professores acreditam que a Língua Gestual Portuguesa irá progredir devido à sua evolução, ao facto de haver líderes Surdos que lutam pela sua preservação, por haver uma maior sensibilidade por parte da sociedade portuguesa, pela oferta de formação em LGP. Acreditam que há um aumento e reconhecimento de investigação e artigos publicados em torno da Comunidade Surda nas diversas áreas. Por fim, denota-se que os docentes de LGP continuam a lutar para que haja mais acessibilidade e seja reconhecida a importância desta língua nas escolas - em toda a comunidade escolar - e conseqüentemente, a exigência de uma alteração legislativa especialmente na área educativa.

No entanto, 6 professores afirmam que a LGP irá regredir ou entrar em extinção por conta da falta de apoio do Estado, à falta de uma lei que proteja esta língua, a mistura entre duas línguas visuais - a LGP e o Sistema de Gestos Internacionais, fazendo com que se perca a verdadeira riqueza e essência que incorpora a língua, patente da sua nacionalidade enquanto cidadão Surdo português e, também, porque não se respeita a estrutura correta da LGP, levando a que muitos sujeitos Surdos gestuem com a mesma estrutura frásica do português falado/escrito, originando um *“português gestual”*. Os restantes docentes simplesmente não responderam a esta questão (Apêndice 2).

O bilinguismo baseia-se no princípio de que a pessoa Surda é proficiente em duas línguas e que se insere num ambiente bicultural, ou seja, incorpora os aspetos culturais e comunicativos na sociedade em que se move (Vaz, 2013). A Língua Gestual Portuguesa é a primeira língua do indivíduo Surdo como parte de uma identidade sociocultural da Comunidade Surda, gerando Cultura Surda e, enquanto cidadão português ativo na sociedade portuguesa, possui uma segunda língua que é o português

na sua modalidade escrita, bem como é parte integrante da cultura dominante, a portuguesa, neste caso.

Então, o bilinguismo envolve a cultura e a identidade do indivíduo Surdo, mas será que a Cultura e a Identidade Surdas têm vindo a decair ou o bilinguismo tem vindo a influenciar essa mesma Cultura e Identidade Surdas? Foi a questão que colocámos no estudo para percebermos, através da opinião pessoal, se tem havido alguma influência, bem como descobrir quais são os motivos que levam a esse declínio. Muitos destes professores consideraram que o bilinguismo não tem tido interferência no declínio da Cultura e Identidade Surdas mas sim a opinião médica, que promove o uso de aparelhos auditivos e implantes coleares, instituindo a aprendizagem da fala; também a ausência de modelos Surdos nas escolas, a influência da cultura e comunidade dominantes, as pressões sociais, a massificação ou disseminação das tecnologias através da influência das redes sociais e, há ainda quem considere que existe uma enorme falta de colaboração entre as Associações de Surdos e as escolas de referência.

6 docentes consideraram que o bilinguismo tem influenciado a Cultura e Identidade Surdas por haver uma maior integração na comunidade, o que requer que o aluno Surdo tenha de se adaptar aos ouvintes, levando a que a comunicação seja o português falado e escrito, e, também, dada a pressão de estar incluído num determinado grupo em que a LGP não é a língua adquirida e principalmente à conta da evolução das tecnologias auditivas.

Importa referir que, segundo o Decreto-Lei n.º 54/2018, artigo 15.º, alínea 1, as escolas de referência para a Educação Bilingue,

[...] constituem uma resposta educativa especializada, visando a implementação de um modelo de educação bilingue, garante do crescimento linguístico, do acesso ao currículo nacional comum e à inclusão escolar e social de crianças e jovens surdos, assegurando, nomeadamente:

- a) O desenvolvimento da língua gestual portuguesa (LGP) como primeira língua (L1);

- b) O desenvolvimento da língua portuguesa escrita como segunda língua (L2);
- c) A criação de espaços de reflexão e formação, incluindo na área da LGP, numa perspetiva de trabalho colaborativo entre os diferentes profissionais, as famílias e a comunidade educativa em geral.

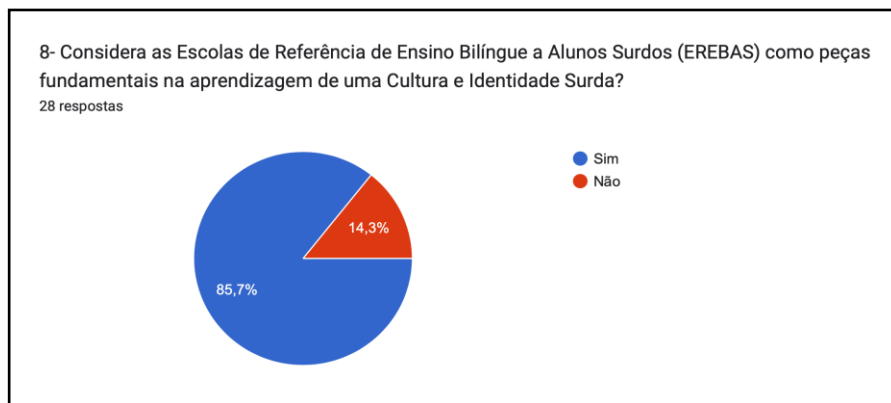


Gráfico 6 - Relação das EREB com a Cultura e Identidade Surda

Quanto às EREB serem consideradas como peças fundamentais e impulsionadoras da aprendizagem da Cultura e Identidade Surdas, 85,7% dos docentes consideraram a importância da mesma e 14,3% não, como se pode verificar no Gráfico 6, referente à pergunta 8.

Vaz (2013, citado por Pedroso e Coelho, 2018, p. 147) considera que a “(...) escola de referência não é no sentido de ter boas referências, mas no sentido da referenciação de percursos educativos individuais nas suas singularidades (...) na construção de modos e modalidades de aprendizagem que respeitem estas singularidades”.

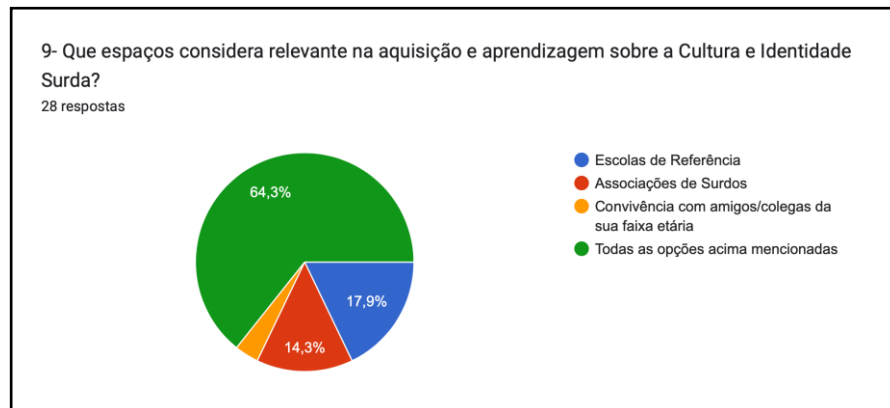


Gráfico 7 - Espaços de Cultura e Identidade Surdas

Foi precisamente à luz da afirmação de Vaz (2013) que se elaborou a questão para podermos saber efetivamente quais são os espaços essenciais para uma aprendizagem e aquisição da Cultura e Identidade Surdas; as Escolas de Referência, as Associações de Surdos e a convivência com os seus pares revelam-se fundamentais para a aquisição de uma Cultura e Identidade Surdas.

Relativamente a estes espaços (Gráfico 7), 64,3% consideraram que todas as opções mencionadas são relevantes para a aprendizagem e aquisição da Cultura e Identidade Surdas, enquanto 17,9% atribui a responsabilidade às Escolas de Referência; 14,3% às Associações de Surdos e apenas um participante considera que é nos laços de convivência entre amigos e/ou colegas da sua faixa etária.

Partindo da análise anterior, verificámos que há uma percentagem maior que considera que os espaços nos quais a Comunidade Surda se move são fundamentais para uma Cultura e Identidade Surdas; é importante sabermos de quem é a responsabilidade de induzir de forma natural e espontânea essas particularidades nas crianças e jovens Surdos.

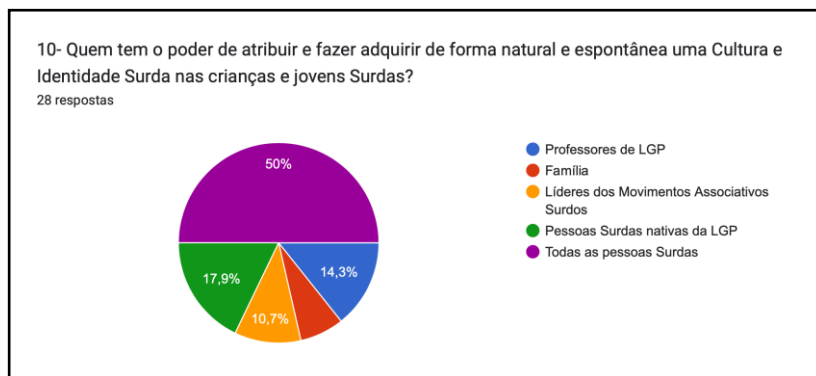


Gráfico 8 - Modelo de Cultura e Identidade Surdas

A amostra revela que 50% considera que esse poder é de todas as pessoas Surdas; 17,9%, das pessoas Surdas nativas da LGP; 14,3%, dos professores de LGP; 10,7%, dos líderes dos Movimentos Associativos Surdos; e 7,1%, da família (Gráfico 8).

É sabido que quando um docente tem formação e uma licenciatura concluídas são conferidas a esse indivíduo as competências para exercer a sua profissão. Mas, no que concerne a Língua Gestual Portuguesa, mais concretamente na vertente da Cultura e Identidade Surdas, é essencial “(...) preservar a LGP, enquanto expressão cultural da Comunidade Surda, respeitando o papel fundamental do docente Surdo, enquanto transmissor legítimo da língua e da cultura da Comunidade e enquanto modelo de identificação natural para as crianças e jovens Surdos.” (Martins et al., 2007, p. 4)

O Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa -PCLGP (Martins et al., 2007) realça a importância de ser um docente Surdo a transmitir conhecimentos e valores intrínsecos da Comunidade Surda, nomeadamente a cultura e identidade. Contudo, a legislação permite que ouvintes igualmente habilitados ensinem, não fazendo qualquer referência a que sejam apenas docentes Surdos. Assim, todos os professores sejam eles Surdos ou ouvintes poderão exercer nesta área profissional.

Na questão n.º 11 inquirimos se todos os docentes, Surdos ou ouvintes, independentemente da sua identidade ser Surda ou não, têm competências e perfil para ensinar Cultura e Identidade Surdas. Ao que parece, há quase um empate entre a concordância e a discordância da afirmação e os resultados mostram que 11 docentes responderam que não, enquanto outros 10 consideram que todos os professores têm

habilidade para tal; os restantes consideram que há, efetivamente, alguns docentes com essa competência. Atendendo à variedade de respostas, pode-se concluir que a maioria considera que é importante ser nativo da LGP e ser um membro ativo e participativo na Comunidade Surda.

De seguida considerámos essencial ponderar se a Identidade Surda tem como mecanismo de aprendizagem o ensino formal ou se o próprio indivíduo a constrói. Da análise da questão n.º 12, observa-se que há uma larga percentagem de docentes a considerar que a Identidade Surda se constrói ao longo da vida, tal como acontece nas outras identidades, na sua convivência no meio em que se insere e a sua própria experiência de vida.

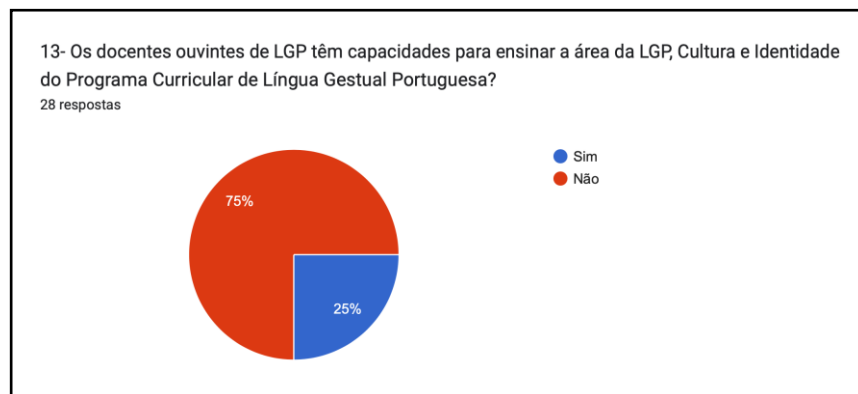


Gráfico 9 - Docentes Ouvintes e a LGP

Os resultados da questão n.º 13 (Gráfico 9) mostram que dos 28 docentes que responderam ao questionário, 75% consideram que os professores de LGP ouvintes não têm capacidade para ensinar Comunidade e Cultura, áreas que se encontram no PCLGP, as quais “inclui os aspetos relacionados com a identidade e orgulho, a valorização da língua gestual, a diversidade, a comunidade nacional e internacional, a história, as tecnologias e a cidadania” (Martins et al., 2007, p. 22).

25% dos inquiridos afirmam que todos os docentes têm competências e capacidades para ensinar e desenvolver conteúdos desta área na disciplina de LGP (Gráfico 9).

De acordo com a análise das respostas da questão n.º 12, podemos verificar que a maior parte dos docentes de LGP considera que a Identidade Surda se constrói. Uma vez que a identidade e a cultura andam de mãos dadas e são intrínsecas, questionámos como podemos proceder ao seu ensino. Depreendemos que advêm da história, dos valores, da experiência, do modelo, dando conhecimento das mesmas através de vídeos, no contacto com os seus pares, em atividades práticas, frequentando associações de Surdos, na convivência e sentido de pertença à Comunidade Surda. No entanto, percebemos que a maioria dos docentes se manteve fiel ao princípio de que a Identidade Surda se prende com o grau de envolvimento e experiência pessoal, revelando que tanto na identidade como na cultura apenas se dá a conhecer, o mais importante surge na partilha da sua história e vivências, passadas de geração em geração.

O professor de LGP desempenha um papel primordial no desenvolvimento pessoal e escolar dos alunos Surdos, desde a Intervenção Precoce até ao fim do seu percurso escolar, quer seja ao nível linguístico, cultural, sociológico e emocional, sendo um elo para a promoção de uma maior inclusão, acessibilidade e igualdade nas oportunidades enquanto membro de uma sociedade. Na última questão foi pedido aos intervenientes que expusessem a sua opinião quanto ao que devia ser o papel do docente de LGP no ensino de uma Cultura e Identidade Surdas. Perante as respostas, constatámos que a maioria dos docentes acredita que deverá ser um modelo Surdo fluente em Língua Gestual a transmitir valores e saberes da Comunidade Surda, promovendo a Cultura Surda e que seja ainda, um membro participativo no movimento associativo Surdo.

3.3. Principais conclusões da investigação

A parte empírica do trabalho de investigação incidiu na realização de um questionário a uma amostra de 28 docentes de Língua Gestual Portuguesa.

Da análise dos resultados obtidos pode concluir-se que há uma maior percentagem de professores de LGP Surdos que participam ativamente na Comunidade Surda e que também colaboram no movimento associativo.

A LGP, tal como as outras línguas, “é uma língua viva e humana em constante evolução em função de contextos linguísticos e sociais considerados relevantes” (Sousa, 2021, p. 28), por esta razão não tem como regredir e enquanto houver a LGP, haverá comunidade Surda, pessoas Surdas, cultura Surda e identidade Surda.

Em 1997 foi reconhecida a LGP na Constituição da República Portuguesa, enquanto língua de expressão cultural e de instrumento de acesso à educação e igualdade de oportunidades. Sobre esse aspeto, Sousa (2021, p. 30) mostra que a “[...] existência legal do reconhecimento do gozo e exercício dos direitos inerentes à LGP contribui para o enquadramento das políticas linguísticas (...) para evitar qualquer perigo da regressão da LGP enquanto língua minoritária, assegurando a sua vitalidade sociolinguística constante e atualizada”.

A LGP é uma língua viva, ativa e em evolução, que se perpetuará na Comunidade Surda independentemente da evolução sociopolítica, porque enquanto existirem pessoas Surdas nativas da LGP haverá sempre língua gestual e como Sousa (2021, p. 42) refere “As próprias pessoas surdas contribuem para a riqueza socio-histórica, cultural e linguística da própria língua.”

Como já foi referido, o bilinguismo significa a fluência em duas línguas, no caso dos indivíduos Surdos a LGP é a primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, é considerada como língua segunda (L2). Portanto, o ser bilíngue não interfere no declínio da Cultura e Identidade Surdas, antes, permite que o indivíduo Surdo seja especialmente rico linguística e culturalmente porque adquire duas línguas e duas culturas de forma espontânea, como membro ativo na Comunidade Surda e na sociedade, assim

[...]o bilingue é a pessoa que aprendeu duas línguas desde pequena com falantes, usou as duas línguas como formas paralelas para se comunicar desde muito cedo, é a pessoa que se identifica e é identificada pelos outros como usuária de duas línguas, a pessoa que se mostra competente nas duas línguas e a pessoa que as usa de acordo com o seu desejo [...]. (Almeida, 2021, p. 66)

É na infância que as LG devem começar por estar presentes, uma vez que expressa uma identidade, uma cultura e sentido de comunidade (Surda); é o que mais se destacará no indivíduo Surdo, é o caminho mais adequado ao ser-se Surdo e não prejudica o desenvolvimento cognitivo. Seria benéfico se a sociedade tivesse mecanismos e estruturas que apoiassem a aprendizagem e sensibilização a este universo.

Contudo, a língua gestual sendo a primeira língua dos Surdos, influencia a educação bilingue, e:

[...] a pedagogia para surdos constrói-se, implícita ou explicitamente, a partir de oposições de modelo clínico e modelo antropológico, e a rutura da educação especial propiciou a afirmação da educação bilingue, e com isso alteraram-se os conceitos sobre a surdez, a educação, ensinar e aprender. (Skliar, 1998 citado por Almeida, 2021, p. 65).

Perante tal afirmação, é determinante que se respeite e se entenda que a LGP é a língua materna do aluno Surdo e, para que haja esta compreensão e valor, é importante que se reconheçam os espaços que promovem o respeito, a aceitação e o fortalecimento das aprendizagens, tais como as EREB, associações de Surdos e a convivência com os seus pares na sociedade em geral e na Comunidade Surda. Tudo isso envolve “[...] práticas de professores surdos na constituição de conhecimentos educacionais pela utilização de metodologias próprias, intuitivas na transmissão da língua, da identidade e da cultura, valorizando os saberes dos surdos” (Almeida, 2021, p. 68).

Confrontando as perspetivas dos inquiridos sobre se os docentes de LGP ouvintes teriam capacidades e competências para ensinar Cultura e Identidade Surdas, retirando assim uma justificação de um dos intervenientes do questionário: *“Todos os docentes foram formados para ensinar a Cultura surda, assim como muitos professores de inglês ensinam a cultura inglesa aos seus alunos portugueses e o mesmo acontece em qualquer língua. Portanto, sim!”* (A). Perante esta afirmação, julgamos ser fundamental que se entenda que existe uma diferença entre um professor de nacionalidade

portuguesa com uma licenciatura em línguas estrangeiras, e que ensina essa língua como tal, e um docente de LGP que ensina a língua gestual enquanto língua materna dos alunos Surdos, o que envolve a natureza da língua e o contexto cultural e linguístico dos alunos.

O ensino de qualquer língua como língua estrangeira tem como foco a aprendizagem de uma língua que não é nativa do aluno, em que o objetivo é desenvolver competências de compreensão auditiva, expressão oral, leitura e escrita para comunicar em contextos específicos (Spínola, 2017).

No ensino da LGP, enquanto língua materna dos alunos Surdos, a língua gestual é a língua natural dos alunos. Portanto, o objetivo é desenvolver competências de comunicação em LGP, tanto recetivas quanto expressivas, o que envolve a compreensão de gestos, expressão facial, gramática, história, experiência de vida e compreensão do que significa ser Surdo, da sua cultura, identidade e comunidade.

A LGP não é uma ferramenta de comunicação ou um apoio para a aprendizagem para os indivíduos Surdos, mas sim um meio de expressão cultural, linguística e social. Feita esta análise, julgamos que os docentes ouvintes de LGP não têm a mesma sensibilidade para ensinar a língua gestual aos alunos Surdos porque não partilham entre si a mesma língua predominante, ou seja a língua materna.

Tanto a Cultura quanto a Identidade Surdas são construídas e ensinadas, com interações complexas entre experiências pessoais, sociais e influências culturais. A educação e a promoção consciente da cultura e identidade desempenham um papel crucial na valorização e no fortalecimento da comunidade Surda, em que esta só é possível com pessoas que partilham do mesmo estatuto e essência.

A Cultura Surda é ensinada e construída através do meio em que se insere o indivíduo Surdo, seja ela através de programas educacionais, organizações Surdas, atividades culturais e eventos comunitários. Esses espaços fornecem oportunidades aos Surdos de aprenderem sobre a sua história, identidade cultural e de se envolverem em atividades que promovam sua cultura. A Identidade Surda pode ser ensinada por meio de modelos, professores e líderes Surdos, através da história Surda e experiências compartilhadas com outros membros da comunidade Surda, bem como em espaços que

valorizam a identidade Surda e promovem a autoaceitação, o que desempenha um papel importante no fortalecimento da identidade Surda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve início no âmbito do Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa, na unidade curricular de Prática Educativa Supervisionada I e II da Escola Superior de Educação de Coimbra, o qual teve como finalidade apresentar medidas e estratégias que ambicionam ajudar os docentes de LGP a terem um bom perfil no ensino da Cultura e Identidade Surdas a alunos Surdos, nas escolas.

Esta dissertação de mestrado centrou-se especialmente nos docentes de LGP, porque para haver alunos Surdos com boa fluência na língua e com conhecimentos é fundamental que haja professores dotados que sejam uma forte influência e, conseqüentemente, um modelo e líder a seguir.

Esta investigação permitiu compreender a Cultura e Identidade como algo pertinente aos indivíduos que a adquirem e constroem ao longo da vida, desde o nascimento até à sua morte; o mesmo acontece em subculturas e/ou culturas minoritárias numa determinada sociedade. Este estudo precisou de toda uma contextualização de Cultura e Identidade Surdas para chegar à pergunta de partida, “Qual deve ser o perfil do docente de LGP no ensino da Cultura e Identidade Surdas?”, para melhor se compreender qual o estatuto da língua que é transmitida aos alunos Surdos tendo-se verificado ser a primeira língua daqueles que frequentam as escolas de referência.

Inicialmente, acreditámos ser possível apresentar duas propostas de como deveria ser o perfil de docência, um para os professores Surdos e outro para os professores ouvintes, no que se prende com a transmissão da Cultura e Identidade Surdas. Contudo esta ideia revelou-se impraticável e até inconveniente devido à estrutura e estatuto da LGP como língua materna dos alunos Surdos. Ao respeitarmos o estatuto de qualquer língua no mundo, devíamos igualmente respeitar, aceitando, a LGP enquanto língua de comunicação da comunidade Surda. Tal como se incute e valoriza a aprendizagem de línguas estrangeiras, dever-se-ia promover a aprendizagem duma língua que ainda que visual, é uma das que são faladas no nosso país.

Nas disciplinas de LGP os alunos Surdos deveriam ter, essencialmente, docentes nativos dessa mesma língua, os quais partilham a mesma Cultura, Identidade e Comunidade para que se possam perpetuar os valores e as suas individualidades, a fim

de proteger e salvaguardar as crianças e jovens Surdos na compreensão e aceitação da sua surdez como parte de uma identidade linguística-cultural. Para além disso, o professor de LGP não tem só como missão o ensino, mas ser uma ponte de transmissão de Cultura e Identidade Surdas.

É fundamental que se perceba que os docentes de LGP ouvintes não transmitem naturalmente o envolvimento nesta língua; esta baseia-se na utilização dum espaço sintático que é visual, bem como numa forma de estar, ver, ser e sentir com referências que são muito diferentes das suas. O registo que os professores de LGP ouvintes têm intrinsecamente em si é de base fonológica, onde os sons são primordiais; e é difícil sair deste lugar, pois é na oralidade que se revêm. Assim, é difícil um professor ouvinte de LGP ser um modelo linguístico-cultural para os alunos Surdos.

Desde o dia 20 de setembro de 1997 que é reconhecida a LGP na Constituição da República Portuguesa através da Lei n.º 1/97, artigo 74.º, alínea h), na qual pode ler-se que compete ao estado português “proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades.” O direito é reconhecido na Constituição, mas é imperativo exigir que o mesmo aconteça na prática, respeitando a língua gestual com o mesmo valor e estatuto das línguas orais.

Como se referiu anteriormente, este estudo centrou-se somente nos docentes de LGP e em como poderão assumir o papel de transmitir a Cultura e Identidade Surdas; concluímos que só é possível fazer essa transmissão se forem Surdos porque é algo inato e natural a um indivíduo com estas particularidades; também, pela preservação da qualidade ao nível da educação, língua, cultura e identidade. No entanto, estes mesmos docentes Surdos apresentam falhas ao nível do ensino das quatro áreas que constam no PCLGP, nomeadamente na do estudo da LGP no que se refere à gramática da língua. Para combater essa falha é fundamental que se adotem novas práticas para uma melhor aquisição e compreensão dos aspetos gramaticais por parte dos docentes Surdos, o que poderá ser adquirido mediante uma reestruturação dos conteúdos programáticos na licenciatura em LGP, na vertente do ensino; ou seja, haver disciplinas por ciclos de aprendizagem, com enfoque detalhado nas quatro áreas e não abordar estas temáticas na generalidade. Desta forma fomentar-se-ia uma melhor interação e compreensão dos

conteúdos, o que posteriormente permitiria maior facilidade de transmissão destes conhecimentos aos alunos Surdos, evitando que assim “escapem” a uma determinada temática/conteúdo.

Não sendo atualmente possível alterar a legislação, cabe aos docentes terem o discernimento de sensibilizar as escolas de referência para a importância do professor Surdo nos primeiros anos de vida da criança Surda, na aquisição da linguagem que ocorre no pré-escolar e em todo o primeiro ciclo, pois é nestas idades que se dão os primeiros contactos com a língua materna. É também essencial que haja um docente Surdo no ensino secundário, porque não há ninguém melhor que um indivíduo Surdo para preparar os jovens alunos Surdos para a liderança Surda, para o movimento associativo Surdo, para uma luta de direitos e deveres enquanto membros de uma comunidade sociocultural e linguística. Para que a Comunidade Surda tenha os seus direitos, é imprescindível haver associações de Surdos, e é fundamental que tenha líderes Surdos com conhecimento acerca desta comunidade, e seja um membro ativo e participativo.

Quanto aos docentes de LGP ouvintes, o estudo em si revelou que estes poderiam lecionar aos alunos do 2.º e 3.º ciclos de escolaridade, uma vez que é o aprofundamento da língua e dos conhecimentos adquiridos nos anos anteriores.

A Língua Gestual Portuguesa é como uma árvore em que inicia o ciclo de vida pela raiz até dar frutos e que se vai regenerando. Esta língua permite à criança Surda crescer, evoluir e desenvolver competências, conhecimento, aprendizagens e compreender o mundo que a rodeia. Por essa razão é crucial a aquisição da língua gestual o mais cedo possível, iniciando no âmbito da intervenção precoce e desenvolver-se em todos os anos de escolaridade o que, de forma natural, torna-se na primeira língua de um Surdo.

Contudo, o professor de LGP deve adotar práticas e um perfil de docência que não se limite apenas a transmitir conhecimentos da própria língua, como por exemplo, vocabulário e história da Comunidade Surda, seguindo apenas e somente o PCLGP, mas abordando variados contextos culturais e identitários dos indivíduos Surdos. O docente de LGP é primordial na vida dos alunos Surdos, responsável pela Cultura e Identidade

Surdas, enquanto elemento de uma Comunidade Surda e imprescindível para o sucesso escolar e pessoal destas crianças e jovens Surdos, visto que a maior parte deles depende e aprende com os professores de LGP.

É precisamente por estas razões, e acreditando na sua eficácia, que se propõem algumas medidas, de forma que os docentes de LGP as coloquem em prática no desempenho das suas funções:

- Ensino da Língua Gestual Portuguesa

É da responsabilidade do professor ensinar a LGP de forma eficiente e clara para que os alunos adquiram uma boa fluência na língua e compreendam toda a sua estrutura, desde ao nível do vocabulário, estrutura gramatical, estudo linguístico da LGP, literacia, Comunidade e Cultura Surdas.

- Incitamento à Comunicação

Cabe ao docente capacitar os alunos Surdos de competências e proficiência na comunicação, de modo que estejam aptos a comunicar eficazmente com todos os membros da Comunidade Surda, independentemente da sua faixa etária.

- Sensibilização Cultural e Identitária

Deve introduzir aos alunos a Cultura Surda especificando a história, os valores, as normas e as tradições da Comunidade Surda, uma vez que leva os alunos Surdos a compreenderem a sua identidade e a estarem integrados numa comunidade culturalmente única e visual.

- Empoderamento e Autoestima

As crianças e jovens Surdos necessitam de se orgulharem da sua identidade e língua, de quebrar preconceitos e receios, enfrentar os desafios que surgem na vida por conta da surdez e empoderar as suas competências. Deve o docente de LGP desempenhar um papel no encorajamento, incentivando os alunos a se autoproclamarem e a reconhecerem as suas competências, não permitindo que o ser Surdo seja uma barreira para alcançar os seus sonhos, mas que seja sim um indivíduo Surdo motivado e conquistador.

- **Acessibilidade na Educação, Informação e Comunicação**

O docente de LGP deve colaborar com os intérpretes educacionais na promoção do acesso a todas as disciplinas na sua língua materna, através da criação de materiais de apoio ao estudo no formato bilíngue, garantindo a igualdade de oportunidades e acesso a todas as informações relevantes.

- **Integração em espaços da Comunidade Surda**

O docente deve ser um modelo e motivar os alunos Surdos à integração na Comunidade Surda através da participação em eventos culturais e sociais, seja em Associações de Surdos ou em colaboração ativa no Movimento Associativo, ajudando-os a estabelecer vínculos de aproximação, aprendizagem e desenvolvimento com os outros Surdos.

- **Combate ao Preconceito e Discriminação**

Deve educar e preparar os alunos Surdos para os desafios que a Comunidade Surda enfrenta, promovendo a sensibilização de maneira a quebrar o estigma e a discriminação, e eventualmente ensiná-los a reconhecerem os seus direitos e igualdades de oportunidades.

- **Ambiente Escolar**

O docente de LGP deve colaborar com os demais profissionais na área educativa de forma a garantir que o ambiente escolar seja acessível e inclusivo aos alunos Surdos, prestando sempre auxílio e conhecimento.

É imprescindível que se eleve as especificidades do direito à educação na sua língua natural, a LGP, de forma a adquirir uma identidade Surda. Promover o grupo de pertença de que faz parte - a Comunidade Surda e a sua Cultura Surda. No entanto, as crianças e os jovens Surdos também fazem parte da sociedade maioritária, daí serem ricos em diversidade linguística e cultural, ou seja, para além da cultura, identidade e língua, também fazem parte de uma Comunidade mais ampla, da sua língua, história e cultura portuguesa, pois são Surdos portugueses. Quando abordamos a temática das línguas em Portugal, é necessário entender que a LGP, bem como a LP, partilham do

mesmo estatuto linguístico, facilitando o desenvolvimento linguístico onde não há uma língua, uma cultura e uma comunidade melhor que a outra, ambas têm o seu respetivo valor, ainda que cada uma tenha as suas próprias características.

Assim, a diversidade interliga-se à diferença, ou seja, há uma grande diversidade linguística e cultural no mundo, o que nos traz vantagens enquanto indivíduos, permitindo acrescentar conhecimento, conforme é o caso da cultura Surda que se expressa numa língua visual, tem história e ideais. A Comunidade Surda tem a sua importância e a diferença na forma de estabelecer comunicação não pode ser motivo de descrédito.

Portanto, é fundamental promover e incentivar a intervenção precoce nas crianças Surdas na sua família, promover também o apoio às instituições de formação e das associações de Surdos, promover o desenvolvimento de metodologias de ensino do Português a alunos Surdos, a produção de materiais didáticos bilíngues, investimento na gramática e linguística da LGP, formações em investigação sociolinguística.

Os docentes de LGP ouvintes deveriam desempenhar o ensino da língua gestual como segunda língua a alunos ouvintes e à comunidade educativa em colaboração com os docentes Surdos, de maneira a permitir que haja mais inclusão e acessibilidade linguística.

Apesar da área da Cultura e Identidade Surdas ser interessante e complexa é ainda pouco valorizada pelos investigadores e docentes de LGP e/ou membros da Comunidade Surda, talvez por entenderem que é algo intrínseco e espontâneo.

Espera-se que este estudo estimule, capacite e influencie outros docentes e investigadores a uma mudança política linguística, que permita enriquecer e solidificar os direitos da língua, do docente e dos alunos Surdos.

Às vezes é necessária coragem para enfrentar a suposta inquestionável realidade e lutarmos pelo bem comum, que neste caso são os alunos Surdos e a Língua Gestual Portuguesa onde, subsequentemente, predomina a Cultura e Identidade Surdas.

A caminhada da Comunidade Surda teve desde sempre altos e baixos, muitas lutas difíceis, mas unidos conseguiram travar batalhas e conquistar trunfos, que se

perpetuarão na história dos Surdos. Oxalá nunca baixemos as nossas mãos e as usemos em prol dos direitos, aceitação, respeito, valorização e principalmente, por uma verdadeira e indubitável equidade!

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, V. (2021). *Educação de surdos em Portugal: os sentidos na construção de identidades, na formação de professores e nas pedagogias no ensino da LGP* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]. Repositório da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/139980>
- Amaral, V. (2018). *O Aluno Surdo em Contexto Escolar: Comunicação e Relação* [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria]. Repositório do Instituto Politécnico de Leiria. https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/3393/1/1_Dissert_mestrado2017_FINAL.pdf
- Alves, E. (2010). Diversidade Cultural, Património Cultural Material e Cultura Popular: a UNESCO e a Construção de um Universalismo Global. *Revista Sociedade e Estado*, 25(3), 539-560. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000300007>
- Batista, B., Rodrigues, D., Moreira, E. & Silva, F. (2021). *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados*. UA Editora. DOI: <http://dx.doi.org/10.34624/ka02-fq42>
- Benedict, R. (2000). *Padrões de Cultura*. Editora Livros do Brasil.
- Carvalho, P. (2007). *Breve história dos Surdos no mundo e em Portugal*. Surd'Universo.
- Conceito.de. (2020). *Cultura - O que é, conceito e definição*. <https://conceito.de/cultura>
- Dias, J. (2014). *Nós, os/as Surdos/as: Construção da Liderança Surda no Seio do Movimento Associativo* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/78526>
- Fortin, M. (2009). *O Processo de Investigação: da concepção à realização*. Lusociência.
- Gomes, M. C. (2012). *A Reconfiguração Política da Surdez e da Educação de Surdos em Portugal: Entre os Discursos Identitários e os Discursos de Regulação* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da

- Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto.
<https://hdl.handle.net/10216/67695>
- Gori, A. F., Corrêa, V., & Galon, T. (2020). A inclusão da comunidade surda por meio das tecnologias de informação e comunicação no espaço virtual. *In Revista*, 11, 105–120. <https://revistas.unaerp.br/inrevista/article/view/1830>
- Ladd, P. (2017). *Em Busca da Surdidade 2: compreender a Cultura Surda* (Carla Souto, tradução) Surd´Universo.
- Martins, M., Morgado, M., & Estanqueiro, P. (2007). *Ministério da Educação. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa Ensino Secundário*.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/prog_curric_lgp_sec.pdf.
- Monteiro, C. (2013). *A formação pedagógica dos docentes das escolas de referência para o ensino bilingue de alunos surdos da zona norte: realidade ou ficção* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras].
Repositório Comum.
<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/24990>.
- Morais, A. (2022). *Surdidade: Construção Social para a Comunidade Surda*. Sítio do Livro.
- Morgado, A.C. (2014). As múltiplas concepções da cultura. *Revista Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, 4 (1), 1-8.
<https://wp.ufpel.edu.br/gpcie/files/2018/04/multiplas-concep%C3%A7%C3%B5es-cultura-1.pdf>
- Nakagawa, H. (2012). *Culturas surdas: o que se vê, o que se ouve* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/8801>.
- Oliveira, A., Viera, C. & Amaral, M. (2021). O questionário online na investigação em educação: reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas. *Coleção Educação a Distância e eLearning*, 39-67. DOI: <https://doi.org/10.34627/uab.edel.15.3>.
- Pereira, J. (2013). *Amor Surdo*. Chiado Editora.

- Pereira, A. C. (2021, 22 de novembro). Os surdos podem fazer tudo o que os ouvintes fazem. *Público*.
<https://www.publico.pt/2021/11/22/sociedade/reportagem/surdos-podem-ouvintes-fazem-menos-ouvir-1985757>
- Pinto, M. (2013). *Subculturas Juvenis e Novos Media: A participação dos jovens nas comunidades de cosplay em Portugal* [Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/7762>
- Pires, M. (2006). *Teorias da Cultura* (2 ed.). Universidade Católica Editora. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/34080/1/9789725401361.pdf>
- Porto Editora. (s.d). *Subcultura* na Infopédia [em linha]. Porto Editora. [https://www.infopedia.pt/\\$subcultura](https://www.infopedia.pt/$subcultura).
- Pedroso, K. & Coelho, O. (2018). *A Educação Bilíngue numa EREBAS: diversidades alunos surdos - estudo de caso*. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/125865/2/381710.pdf>.
- Santos, T. (2019). *Implantes cocleares: Reflexões sobre a sua história em Portugal e no mundo* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/43639>.
- Sousa, F. (2021). *Língua Gestual Portuguesa: História, Sociolinguística e Política Linguística*. LisbonPress.
- Spínola, P. (2017). *Consolidação da Aprendizagem de uma Língua Estrangeira* [Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa]. Lisboa, Portugal. Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/24074>.
- Unesco. (2003). *Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial*. <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial>.

Legislação

Decreto-Lei n.º 3/2008, do Ministério da Educação. (2008). *Diário da República: I série, n.º 4*. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/3-2008-386871>.

Decreto-Lei n.º 54/2018, da Presidência do Conselho de Ministros. (2018). *Diário da República: I série, n.º 129*. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961>

Lei Constitucional n.º 1/97. Constituição da República Portuguesa. (1997). <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx#art74>.

APÊNDICES

Errata

Errata referente à dissertação de Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa intitulada “O Perfil do Docente de LGP no ensino da Cultura e Identidade Surdas”, realizada por Inês Ribeiro Gonçalves Laia.

Página	Questão	Onde se lê	Deve ler-se
42	9	relevante	relevantes

42	9	Cultura e Identidade Surda	Cultura e Identidade Surdas
----	---	----------------------------	-----------------------------

43	10	Cultura e Identidade Surda	Cultura e Identidade Surdas
----	----	----------------------------	-----------------------------

43	10	Surdas	Surdos
----	----	--------	--------

O título do questionário detêm um erro, devia ler-se Cultura e Identidade Surdas.

Apêndice 1 - Questionário aplicado aos docentes de LGP

O Perfil do Docente de LGP no ensino da Cultura e Identidade Surda

Venho pedir a sua colaboração no âmbito de um estudo do Mestrado em Ensino da Língua Gestual Portuguesa que estou a realizar na Escola Superior de Educação de Coimbra , orientada pelo Professor Doutor Amílcar Morais, o qual tem por finalidade a obtenção do grau de Mestre.

Todo o material recolhido destina-se, exclusivamente, ao Relatório Final.

Obrigada.

Inês Laia

Este formulário está a recolher automaticamente emails de todos os inquiridos. [Alterar definições](#)

Vídeo sem nome



1- És uma pessoa nativa da Língua Gestual Portuguesa?



1- És uma pessoa nativa da Língua Gestual Portuguesa? *

Sim

Não

2- Qual a sua idade?



2- Qual a sua idade? *

- 25 a 40 anos
- 41 a 55
- + 56

3- Participa ativamente na Comunidade Surda?



3- Participa ativamente na Comunidade Surda? *

- Sim
- Não

4- Colabora no movimento associativo?



4- Colabora no movimento associativo ? *

Sim

Não

5- Utiliza a Língua Gestual Portuguesa como língua recorrente na sua vida?



5- Utiliza a Língua Gestual Portuguesa como língua recorrente na sua vida? *

Sim

Não

Às vezes

Apenas no trabalho/ uso profissional

Apenas em casa/ convivência familiar

6- No futuro, a Língua Gestual Portuguesa irá estar extinta ou irá progredir? Porquê?



6- No futuro, a Língua Gestual Portuguesa irá estar extinta ou irá progredir? Porquê? *

Texto de resposta longa

.....

7- A Cultura e Identidade Surda tem vindo a decair por influência do bilinguismo? Explica



7- A Cultura e Identidade Surda tem vindo a decair por influência do bilinguismo? Explica *

Texto de resposta longa

.....

8- Considera as Escolas de Referência de Ensino Bilíngue a Alunos Surdos (EREBAS) como peças fundamentais na aprendizagem de uma Cultura e Identidade Surda?



8- Considera as Escolas de Referência de Ensino Bilíngue a Alunos Surdos (EREBAS) como peças fundamentais na aprendizagem de uma Cultura e Identidade Surda? *

- Sim
- Não

9- Que espaços considera relevante na aquisição e aprendizagem sobre a Cultura e Identidade Surda?



9- Que espaços considera relevante na aquisição e aprendizagem sobre a Cultura e Identidade Surda? *

- Escolas de Referência
- Associações de Surdos
- Convivência com amigos/colegas da sua faixa etária
- Todas as opções acima mencionadas

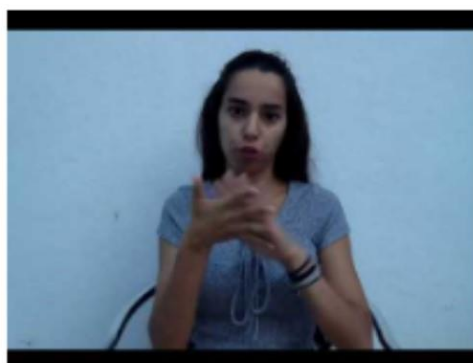
10- Quem tem o poder de atribuir e fazer adquirir de forma natural e espontânea uma Cultura e Identidade Surda nas crianças e jovens Surdas?



10- Quem tem o poder de atribuir e fazer adquirir de forma natural e espontânea uma Cultura e Identidade Surda nas crianças e jovens Surdas? *

- Professores de LGP
- Família
- Líderes dos Movimentos Associativos Surdos
- Pessoas Surdas nativas da LGP
- Todas as pessoas Surdas

11- Todos os docentes de Língua Gestual Portuguesa tem habilidades para ensinar Cultura Surda? Explica



11- Todos os docentes de Língua Gestual Portuguesa tem habilidades para ensinar Cultura Surda? Explica *

Texto de resposta longa

13- Os docentes ouvintes de LGP têm capacidades para ensinar a área da LGP, Cultura e Identidade do Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa?



13- Os docentes ouvintes de LGP têm capacidades para ensinar a área da LGP, Cultura e Identidade do Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa? *

- Sim
- Não

14- Como se ensina a Cultura e a Identidade Surda aos alunos Surdos ?



14- Como se ensina a Cultura e a Identidade Surda aos alunos Surdos ? *

Texto de resposta longa

.....

15- Para si, qual deve ser o papel de um Docente de LGP a aplicar no ensino de uma Cultura e Identidade Surda?



15- Para si, qual deve ser o papel de um Docente de LGP a aplicar no ensino de uma Cultura e Identidade Surda? *

Texto de resposta longa

.....

Apêndice 2 - Respostas abertas dos inquiridos

6- No futuro, a Língua Gestual Portuguesa irá estar extinta ou irá progredir? Porquê?

28 respostas

-

não consigo dar resposta certa...

Não sei. "O futuro da LGP depende do apoio e da inclusão.

É uma pergunta com uma resposta complexa. Atualmente sinto que, infelizmente, está a regredir. É necessário lutar para que isso não aconteça. Unir a comunidade surda e ouvinte e lutar pela língua gestual. Apostar na alteração da legislação de forma geral e em especial na educação.

Tendo em conta a evolução que tem tido, tem tudo para progredir.

Para esta questão existem vários factores: não haver misturas entre a LGP e a Língua Gestual internacional, pois tem havido muita falta de controle dos próprios gestantes portugueses. Poderia progredir se nas escolas fosse realmente implantada como disciplina obrigatória para todos. Esses são uns exemplos, há muito mais.

Não, lgp é vida longo

É possível, por falta da lei que proteja a LGP e os alunos surdos.

Progredir. Ainda existem Surdos a lutar pela preservação e evolução da LGP atualmente.

Penso que sim, irá progredir porque há formações de lgp, família surda, etc. E também irá estar extinta porque atual, mais fraca pelas expressões faciais e glosas de LGP(síntaxe).

Não acredito que a língua gestual portuguesa será extinta. No entanto, podem surgir reduções devido à inovação tecnológica e aos avanços na medicina. Apesar dessas possíveis reduções, as repercussões disso podem ser contrabalançadas pelo contínuo avanço dos conhecimentos linguísticos. Nessa altura, poderão existir muitos artigos científicos que explicam a gramática da LGP, tornando-a mais consistente e consolidada. Isso, certamente, será aplicado pelas pessoas surdas que defendem os gestuantes de LGP enquanto elementos pertencentes a uma minoria linguística e cultural.

não irá extinta, a lingua nunca sera extinta.

No futuro, penso e acredito, vai de altos e baixos como instabilidade, depende das pessoas surda que mantenham a comunicação na sociedade.

Irá progredir. É e será uma língua viva e forte

Não sei

Ira progredir devido ao aumento e reconhecimento das investigações ligadas a esta área

Progredir. Língua em constante evolução.

Progredir, com o aumento da divulgação a LGP tem tendência a progredir

Acho que vai extinguir-se. Os jovens atualmente preferem gestuar seguindo a ordem da Língua Portuguesa prejudicando a verdadeira estrutura da nossa língua.

Acho que não. Continua Língua gestual portuguesa. Nós somos surdos. Não sei futuro. Agora sou...

Acho que continua LGP porque ainda comunidades de surdos, falta unir mais fortes.

Futuro surdos continua ou não sei

Sim, estará extinta. Maior integração na escola.

Falta divulgação importancia LGP para surdos

não sei

vai progredir, porque como docente estamos a lutar para que haja mais acessibilidade e ensino de LGP na escola

Vai estar extinta porque a comunidade educativa querem aprender português gestual.

7- A Cultura e Identidade Surda tem vindo a decair por influência do bilinguismo? Explica

28 respostas

Nada a ver com bilinguismo, tem a ver com adesão dos aparelhos auditivos

Não acho que seja por influência do bilinguismo. Por falta de autoconsciência de pessoas surdas principalmente jovens. As razões incluem a fraca sistema de educação para surdos, a ausência de modelos surdos, a influência da cultura ouvinte dominante e as pressões sociais.

Julgo que não está diretamente relacionado com o bilinguismo mas por diferentes factores. A utilização de tecnologias de apoio por um lado permite uma vida mais ativa na comunidade ouvinte. Por outro lado a comunidade surda nem sempre integra de igual forma as pessoas surdas (muitas vezes tendo em conta essa questão das tecnologias).

Não, até porque as novas gerações, mesmo nascendo num meio ouvinte e aprendendo com o modelo bilingue, acabam por se tornar jovens e perceber a sua verdadeira identidade e irão procurar as associações de surdos e desenvolver a sua identidade, promover encontros entre comunidades etc.

O bilinguismo não interfere na cultura surda nem na identidade surda

-

Sou da opinião que não. A cultura e a identidade da comunidade adquire-se se o nativo se mantiver em contacto com a comunidade surda.

Não, associação

Sim e não. Sim na parte da escola devido a diminuição dos surdos e envolvimento dos ouvintes que nem sempre é mau. E não por haver a associação de surdos que tem a própria identidade de surdo que nao deixam a influencia do bilinguismo... Depende da pessoa surda.

O impacto do bilinguismo na cultura e identidade surda pode variar dependendo das experiências individuais dos surdos envolvidos. O bilinguismo é uma realidade para muitos surdos, uma vez que vivem em sociedades predominantemente ouvintes e precisam se comunicar em línguas orais.

No entanto, é importante reconhecer que o bilinguismo pode ter efeitos variados na Língua Gestual Portuguesa (LGP). A LGP é uma parte fundamental da cultura e identidade surda, e o uso frequente de línguas orais pode afetar negativamente a LGP. A estrutura frasal e gramatical da LGP é diferente da língua portuguesa, o que pode levar a distorções na forma como os surdos se expressam em LGP.

Por exemplo, a ausência de classificadores na língua portuguesa pode tornar mais difícil para os surdos expressarem certos conceitos e pensamentos de maneira natural em LGP. Além disso, a expressão facial, que desempenha um papel importante na gramática da LGP, pode ser afetada pelo bilinguismo, uma vez que as línguas orais não dependem tanto desse aspecto.

Em resumo, o bilinguismo é uma realidade necessária para muitos surdos, dada a sociedade em que vivem, mas é importante estar ciente de como ele pode afetar a LGP e a cultura surda. Encontrar um equilíbrio entre as duas línguas é essencial para preservar a riqueza da cultura e identidade surda.

Não. Bilinguismo são 2 línguas, essas línguas não tem nada a ver da Cultura e Identidade Surda.

Não acredito, a decair. Porque, pessoas surda mantenha sempre identidade própria, sempre que não ouve ou que ouve pouco e etc. A cultura surda, acredito irá influenciar mudança, não decair. Só mudança depende da sociedade. Como o mundo muda e a cultura mudará.

Sim. A maioria de Surdos prefere estar "inclusivo" na comunidade ouvinte. Sou contra.

Tem vindo a decair, mas não é por causa do bilinguismo.

Não, o bilinguismo apenas habita na pessoa a possibilidade de se "misturar"/ integrar nas duas comunidades.

Não. Têm vindo a decair porque mesmo os surdos não se interessam por melhorar, por saber mais, por aprofundar conhecimentos da sua própria língua.

Não, não creio que a cultura e identidade surda estejam a decair.

Sim. Neste momento os jovens estão a adquirir duas identidades diferentes e a ouvinte nota-se cada vez mais forte.

Acho que não por causa bilinguismo. Tecnologia é estranha.

Não, acho que só diminuiu pouco surdos por isso deve mais surdos que vai influenciar a cultura e identidade Surda.

Não, por causa pessoas professores cada não interessa surdos mas outra professores pouco força trabalhar surdos isso

Vão decair, porque o norte a sul a evolução de tecnico auditivo

Não. não é por causa Bilinguismo. é por causa falta de colaboração Associações de Surdos nas escolas

talvez

penso que não

Sim. Por causa influência

11- Todos os docentes de Língua Gestual Portuguesa tem habilidades para ensinar Cultura Surda?

Explica

28 respostas

Sim
Não. Os docentes com aquisição da língua gestual tardio e não participar a comunidade surda nunca conseguem ensinar a cultura surda
Acredito que nem todos os docentes têm habilidades para ensinar a Cultura Surda, assim como acontece com docentes de outras disciplinas. Existem bons profissionais, mas também há aqueles que podem precisar de mais desenvolvimento em relação a esse aspecto.
É suposto terem. Faz parte do programa curricular de lgp e os professores de lgp tiveram disciplinas nesse âmbito na sua formação inicial. No entanto, a cultura surda também deve ser adquirida fora da escola.
Todos os docentes foram formados para ensinar a Cultura surda, assim como muitos professores de inglês ensinam a cultura inglesa aos seus alunos portugueses e o mesmo acontece em qualquer língua. Portanto, sim!
Não, para terem essa habilidade é fulcral estarem inseridos na comunidade Surda.
não
Se for um nativo e participante da comunidade surda, sim. Já quem nunca teve contacto com os surdos e se torna docente dos mesmos, tem diversas lacunas no conhecimento da cultura surda
Nem todas tem... Devido a falta de material e informação sobre da cultura surda.
A maioria sim por conhecer bem e continuar a prezevar a Identidade, História, Língua da Comunidade Surda e ainda por participar ativamente nos movimentos associativos desta.
Alguns docentes de LGP, se for a pessoa nativa de LGP.
De fato, essa capacidade varia consideravelmente entre os docentes, e a presença de habilidades para ensinar a cultura surda muitas vezes está correlacionada com a própria experiência dos docentes.
Em geral, docentes surdos tendem a ser mais adequados para ensinar a cultura surda, uma vez que vivem a cultura em primeira mão. Eles não apenas têm domínio da língua, mas também compreendem e vivenciam a cultura surda de forma mais profunda. Em contrapartida, os professores ouvintes que adquiriram a Língua Gestual Portuguesa num curto espaço de tempo podem não ter uma compreensão igualmente profunda da cultura surda.
É importante destacar que docentes surdos que são nativos em LGP, ou seja, que cresceram usando essa língua, têm uma capacidade ainda maior para transmitir aspectos da cultura surda. A cultura surda é uma parte intrínseca da vida dessas pessoas e, portanto, elas podem fornecer insights valiosos e uma compreensão mais completa aos alunos.
Em resumo, a habilidade dos docentes de Língua Gestual Portuguesa para ensinar a cultura surda depende amplamente da sua experiência, da origem e da proficiência na língua e na cultura surda. Os docentes surdos, especialmente os nativos em LGP, são geralmente os mais adequados para transmitir esses conhecimentos aos alunos.
Possivelmente não todos docentes, e certeza serão docentes Surdos tem habilidades.
Todos os docentes Surdos, mesmo surdo, tem muito boa habilidade para ensinar Cultura Surda.
Depende do modelo linguístico e identidade. Os surdos híbridos e/ou oralizados, que adoptam a LGP como L2, não devem dar aulas de LGP. É minha opinião pessoal.
Depende de cada docente. Tem ouvinte e também surdos pouco acostumados a estar em comunidade, mesmo assim depende do conhecimento do tema para ensinar.
Sim, mesmo os professores de LGP ouvintes que tem na sua consciência a habilidade comunicacional e o contato frequente com pessoas surdas conseguem ensinar/transmitir a cultura surda bem como ajudar na descoberta do tipo de identidade surda.
Se se interessarem pela língua, aprofundarem conhecimento e estiverem sempre atentos à evolução da língua e da cultura sim, estarão aptos para ensinar a cultura surda.
Sim, independentemente de serem surdos ou ouvintes.
Não. Apenas os que entendem o conceito de Cultura Surda e o conseguem transmitir.
Os todos dias estamos conversar LGP.
Sim mas deve mais conhecimento Cultura Surda profunda.
Sim, professores já conhece cultura, identidade surdos dá informação todos Surdos defesa Língua Gestual Portuguesa
Importante, como modelo a pessoa surda
Sim, Docentes Surdos tem automaticamente habilidade porque mostra modelo Surdo

12- A Identidade Surda ensina-se ou constrói-se? Explica

28 respostas

ambas
A Identidade Surda é um conceito complexo. Geralmente não é ensinada no sentido tradicional, como um tópico de sala de aula, mas sim construída ao longo da vida de um indivíduo surdo.
Dá se a conhecer, exemplifica se, permite se o contacto e acaba por se construir.
A identidade constrói-se, podemos é ensinar alguns caminhos ou estratégias para essa construção.
Constrói-se embora que esteja dependente de quem está a seu redor
-
Constrói-se...
Ensina depende
Constrói se quando está com a comunidade surda e também nas associações de surdos e nas escolas com referências.
Ambos. Depende do ambiente familiar, escolar (e associativo) em que cresceu.
Depende a vida diária. Se a escola dos surdos construíram a natural automaticamente.
A identidade surda é uma construção que se desenvolve e se solidifica ao longo do tempo, à medida que os indivíduos surdos interagem com outros fluentes em Língua Gestual Portuguesa (LGP) e mergulham na cultura surda.
A identidade surda não é algo que pode ser ensinado diretamente, como um conceito académico; em vez disso, ela é moldada pelas experiências, conexões e interações do indivíduo com a comunidade surda. À medida que os surdos se relacionam com as pessoas que compartilham a sua língua e cultura, eles desenvolvem uma compreensão mais profunda de quem são como parte da comunidade surda.
Essa construção da identidade surda é influenciada pelo uso da LGP, pelas tradições, pela história e pela comunicação com outros membros da comunidade surda. Portanto, a identidade surda é mais uma jornada de autodescoberta e interação do que algo que pode ser simplesmente ensinado de maneira convencional.
são ambas, constroi se tiver participação movimento Surdo.
ambas, ensina e construir através pela vida própria da experiencia e da sabedoria.
Constrói-se através de estar com bons modelos linguísticos (nativos) e com identidade pura.
Constrói-se. No ensino, é para mostrar horizontes para o aluno construir a sua identidade.
A identidade surda constrói-se e apenas os alunos/adultos surdos, devido á sua experiência de vida ou particularidades, saberá definir. Os professores podem ensinar mas é algo intrínseco na própria pessoa.
Constrói-se como toda e qualquer identidade. Constrói-se e cresce connosco toda a vida.
Constrói-se a longo da vida e contacto com pessoas surdas e no uso e aprendizagem da LGP.
Constrói-se. Eu posso ensinar mas depende do próprio Surdo compreender e aceitar a sua própria Identidade e Cultura. Sentir-se como Ser Surdo.
Comunidade surda... Troca opinião.
Ambos, pode ter sem conhecimento identidade por isso aprende primeiro próprio quem pertence ao grupo e depois constrói-se próprio para que seja por meio da sua identidade.
Identidade surdo dá informação pessoas surdos todos como caminha positiva vida identidade importante comunidade Surdos
Construir propria pessoa
Se for docente Surdo são ambos e se for docente ouvinte simplesmente ensina e não se constroi...
as 2
constrói-se
Aprende na comunidade e esta construir seb

14- Como se ensina a Cultura e a Identidade Surda aos alunos Surdos ?

28 respostas

- É complexo para responder aqui
- O ensino da Cultura e Identidade Surda aos alunos Surdos envolve a promoção da Língua Gestual Portuguesa (LGP), o ensino da história e conquistas da comunidade surda, atividades culturais, narrativas pessoais, participação na comunidade surda e promover o respeito pela diversidade surda. Também é importante promover o orgulho surdo e manter um diálogo aberto sobre as questões relacionadas à identidade surda.
- Dá se a conhecer em que consiste, o que pode ser feito, que espaços podem ser frequentados etc, depois a própria criança/ aluno desenvolve a sua identidade de acordo com diversos outros fatores.
- Como já referi noutra questão acima, como qualquer prof de outra língua ensina a cultura dessa língua aos alunos portugueses. A identidade na minha forma de ver constrói-se, cabe aos professores ensinarem o caminho certo para essa construção.
- Não se ensina, apenas envolve-se
- Dando diversos exemplos e incentivando a participar na comunidade surda... Esse é um dos passos
- Ensina mas depende nivel
- Atraves de contatos dos surdos, material de video sobre do teatro, humor, convívios e etc...
- Novamente...dando a conhecer a Historia, Cultura, Identidade e Lingua da Comunidqde Surda... dando exemplos vivos.
- Automático pela Comunidade surda
- A cultura e a identidade surda não são algo que pode ser simplesmente ensinado como um conteúdo académico; em vez disso, são adquiridos e desenvolvidos durante o processo de interação com professores fluentes e nativos em Língua Gestual Portuguesa (LGP) e que têm experiência na cultura surda.
- mostrar o Modelo docente Surdo. e mostrar as atividades das associações de Surdos e familia surda.
- Ensina pela metodologia dos docentes surdas de LGP.
- Deve explicar os conceitos de cultura, termos próprios da Cultura, termos diferentes sobre identidade. Expor os materiais sobre movimentos ativos, tal como "presidente Gallaudet já" e etc.
- Apresentação de vídeos de apresentações pessoais, artes diversas (poemas, VV, pinturas, filmes...), passeios pedagógicos para associações de surdos...
- Com exemplos práticos (vídeos gestuais), com testemunhos de pessoas surdas, com recurso à bibliografia já disponível...
- Com vídeos, exemplos, contacto com surdos, atividades práticas...
- Dependendo da faixa etária o ensino da identidade e cultura surda pode ser ensinada através de histórias infantis com personagens surdos, através de dar a conhecer os líderes surdos da comunidade, intercâmbios entre escolas e alunos surdos, através da história da LGP...
- Nos somos iguais identidade surda. É mais fácil comunicar surdos.
- É modelo. Ensina varias coisas que há Cultura e Identidade no mundo e a língua gestual do pais.
- Professores surdos já conhece cultura também identidade importante ensinar surdos futuro
- Cada professor tem experiência
- mostra-se atividades nas associações de Surdos e onde se convivem Surdos, principalmente participação nas Associações de Surdos
- Apresentação de artes (filmes, pinturas, poesia...), diálogo sobre situações recorrentes no quotidiano dos Surdos
- sendo um modelo surdo
- Dando exemplos.

15- Para si, qual deve ser o papel de um Docente de LGP a aplicar no ensino de uma Cultura e Identidade Surda?

28 respostas

Um bom docente com grande conhecimento das áreas diversas principalmente a fluência
O papel de um Docente de Língua Gestual Portuguesa (surdo) no ensino da Cultura e Identidade Surda é ser um facilitador, um modelo da cultura e um promotor da língua e cultura surda, proporcionando uma abordagem enriquecida por experiência pessoal como membro da comunidade surda.
Como referi nas respostas anteriores. Mostrar, partilhar, dar a conhecer. Depois cada aluno constrói a sua própria identidade e cultura. Ao trabalhar histórias gestuais e a gramática da lgp por exemplo já se está a ensinar cultura e identidade pois todas as áreas se interligam.
O docente deve ensinar aos alunos a cultura surda, incluindo a história, valores, identidade e comunidade. Isso ajuda os alunos a se conectarem com sua cultura e a compreenderem melhor sua identidade surda. Logo, o docente de língua gestual desempenha um papel vital no apoio à educação e desenvolvimento dos alunos surdos, não apenas ensinando a língua gestual, mas também promovendo a cultura surda e garantindo que as necessidades individuais sejam atendidas para que os alunos possam atingir seu pleno potencial.
Dependendo do docente, sendo uma referência para ao aluno
-
Dando muitos exemplos reais
Depende
Que seja um bom modelo de pessoa surda que tenha uma boa identidade e boa influência sobre da cultura surda.
Ético e entretanto motivador.
O modelo da pessoa surda.
O papel do docente deve ser desempenhado por indivíduos (surdos ou ouvintes) que sejam nativos em LGP e que possuam uma identidade surda, fazendo parte de uma minoria linguístico-cultural. Isso ressalta a importância da autenticidade na transmissão da cultura e identidade surda, pois somente aqueles que viveram e compartilham essas experiências podem fornecer uma perspectiva genuína.
deve sedr papel Docente Surdo e participativo do movimento associativo
Deve no ensino pela educação, LGP, escrita portuguesa, motivação e criatividade.
Ser nativo de LGP, com uma identidade forte, e ser reconhecido no nível nacional. ser bom modelo e que não tenha vergonha em ser surdo e mostrar a sua língua gestual. Não através de oralidade ou Português oral.
Ser o modelo de um surdo
O docente ensina, como "manda" o programa mas cabe ao aluno "interiorizar" com ou sem a ajuda do docente o tema em si. Mas é fundamental proporcionar ao aluno o máximo de experiências e convívios ligados ao tema.
Papel fundamental...
Mediador e transmissor de conhecimento.
Deve possuir ele próprio uma Identidade e Cultura Surda. Deve ainda transmitir os valores da Comunidade Surda.
Não sei explicar.
Deve bom perfil.
Sim professores responsável fazer ensinar apontar respeitar
Sim, ambas
deve ser Docente Surdo. porque é modelo de identidade e cultura.
ser modelo
mostrar os mesmos exemplo que uma pessoa surda deve lutar pelos direitos e acessibilidade
Sim

